

Notícias de Guimarães

Ano 19.º N.º 949

GUIMARÃES, 9 de Abril de 1950

Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A Tel. 4313

Comp. e Imp., Tipografia Cruz & C.ª L.ª

Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

RESSURREIÇÃO DA PAZ

Há vinte séculos Cristo ressurgiu dos mortos para não voltar a morrer. Depois que a pesada pedra rolou sobre a abertura do sepulcro os judeus soltaram uma gargalhada cinica, diabólica a denunciar um hipotético triunfo sobre Jesus Cristo. Mas nada podem os homens contra Deus. Ao terceiro dia esplendoroso, triunfante o Mestre ressuscitava numa afirmação plena, total da sua Divindade temporariamente ofuscada. A Ressurreição de Cristo, triunfo inefragável da vida sobre a morte, da luz sobre a treva, da verdade sobre a mentira.

O mundo atingiu um tal estado de anarquia que, não podendo aguentar-se por mais tempo, desabou estrondosamente numa catástrofe gigantesca. É que o homem tentou, e tenta ainda, resolver sem Deus o grande problema da vida. O homem abandonado a si mesmo nada pode. Quando pretende subtrair-se à acção benéfica e regeneradora do Cristianismo, o homem sofre uma verdadeira amputação. É um ser incompleto, impotente para resolver os problemas máximos da vida humana.

Como Jesus Cristo, que ressurgiu dos mortos para não voltar a morrer, o cristianismo não morre.

É se para alguns possa à primeira vista parecer uma doutrina obsoleta, em franca decadência, a verdade é que o Cristianismo possui uma tal força de renovação, que transformou o mundo e tem ainda vitalidade para o transformar e renovar todas as vezes que ele precisar. O mundo sem alma aniquilou-se. É preciso voltar a dar-lhe alma. Há vinte séculos Cristo ressuscitou dos mortos.

Hoje é preciso operar-se também uma verdadeira ressurreição na face da terra: a ressurreição da verdade e da justiça. Só no Evangelho podemos encontrar a solução para o problema familiar, social e internacional da hora presente. Abundam os falsos mestres, falhos de autoridade e de consciência, improvisadores sem formação a pretenderem guiar o mundo com teorias falsas ou deficientes. Há que pôr de parte tais soluções anti-cristãs e acreditar firmemente e eficazmente, na vitalidade do cristianismo e na eficácia da sua doutrina nas ideias e nos costumes.

Das agitações terríveis que têm abalado o mundo, da convulsão que fez desaparecer tantos valores, desta destruição total em que não ficou pedra sobre pedra há-de ressurgir, à semelhança do mestre que ressuscitou há vinte séculos, qualquer coisa de belo, de grandioso. É na dor que se forjam as grandes almas. As lamentações são inúteis; é preciso trabalhar cada um no seu posto com firmeza e constância inabaláveis.

Nos grandes desmoronamentos é sempre possível encontrar um pouco de húmus para fazer germinar e crescer suavemente o pequenino grão de mostarda.

Peguy afirmou que a revolução social é arte, de tudo uma revolução moral. Para mudar a face da terra é preciso primeiro mudar o nosso coração, a nossa personalidade ávida de defeitos.

Para isso é necessário contar com o esforço persistente, uma vontade enérgica. S. Agostinho afirma: «o homem mede-se pela vontade».

Nem todos podem ser ricos, sábios ou célebres. Há porém uma coisa que se pode exigir de cada um de nós: um carácter irrepreensível. A vontade tem uma importância capital na nossa vida moral. Schiller diz que é a vontade que faz o homem pequeno ou grande, bom ou mau, e um pensador húngaro afirma: «aquele que tem uma inteligência cuja vontade não está à mesma altura, é o mais infeliz, é muitas vezes o mais desprezível dos homens».

O fortalecimento e a rectidão da vontade implicava uma série de actos de decisão, de renúncias, de lutas por vezes bem ferozes de todas as horas. Para ser grande não é necessário praticar actos extraordinários de heroicidade, não é necessário que o seu nome corra o mundo nas parangonas dos jornais. A maior parte dos homens não tem uma ocasião sequer no decurso de toda a sua vida de praticar um acto de heroísmo. Mas o que todos nós temos é inúmeras ocasiões na vida de mostrar a

nossa força de vontade, a firmeza do nosso carácter. Isto verifica-se a todas as horas, a todos os momentos. Quantas vezes nós seríamos capazes de praticar um acto, extraordinário, talvez, de arriscarmos a nossa vida para salvar a do nosso irmão que está em perigo e não somos capazes de vencer uma má inclinação, um instinto perverso. Quantas vezes nós conhecemo-lo pelo exemplo dos suicidas, é necessário mais coragem para viver que para morrer. Os pequeninos actos da nossa vida, do dia a dia muitas vezes exigem mais coragem que as acções extraordinárias.

A coragem de dizer sempre a verdade! A coragem de permanecer sempre honesto! A coragem de nunca abandonar os bons princípios! Aquele que tem um ideal nobre a norteá-lo na vida tem muitas vezes de bater o pé e dizer simples e decididamente: *não*. Não devo fazer isto, não posso fazer isto. Quantos na vida nunca souberam dizer: *não*. Exercitar a vontade é manter o espírito constantemente em luta contra a rebelião autoritária da matéria. Isto faz-nos na verdade compreender a palavra incisiva do Mestre: «o reino dos céus deve ser conquistado e só os fortes poderão alcançá-lo».

Os livros de estudo dos ingleses estão cheios de frases como estas: «nas alturas há ainda lugar para muitos»; «a inteligência e a vontade são ainda procuradas; estão sempre na alta no câmbio da vida».

Com uma inteligência vigorosa, bem alicerçada nos princípios cristãos, servida por uma vontade enérgica, decidida, o homem há-de por certo realizar aquela revolução moral de que fala Peguy e que é factor indispensável para se conseguir aquela revolução social, ordenada, pacífica que a humanidade sofredora ansiosamente espera. Há-de por certo operar-se no mundo a ressurreição maravilhosa da verdade, da justiça e da caridade, o mesmo será dizer e há-de operar-se a ressurreição da paz.

Com uma inteligência vigorosa, bem alicerçada nos princípios cristãos, servida por uma vontade enérgica, decidida, o homem há-de por certo realizar aquela revolução moral de que fala Peguy e que é factor indispensável para se conseguir aquela revolução social, ordenada, pacífica que a humanidade sofredora ansiosamente espera. Há-de por certo operar-se no mundo a ressurreição maravilhosa da verdade, da justiça e da caridade, o mesmo será dizer e há-de operar-se a ressurreição da paz.

PADRE ALEXANDRINO BROCHADO

VIAGENS PELA FRANÇA

O pão de açúcar em Saint-Malo

por NOVAIS TEIXEIRA

Levou-me o destino a Saint-Malo no dia das festas comemorativas da libertação da cidade. As solenidades presidiu o General De Gaulle, que foi recebido pelo «maire» do velho porto bretão com estas palavras: «Os malouins (assim se chamam os habitantes de Saint-Malo) não são idólatras nem apóstatas; e são cristãos de tão remotas eras que não sabem ser uma coisa nem outra. E tão profundamente republicanos que jamais confundem o reconhecimento que devem a um homem com a fé que depositam num princípio». Após este pequeno inquérito, que era um testemunho ao grande francês e uma espécie de correctivo ao mais modesto político, a multidão entregou-se em delírio ao homem de 18 de Junho.

Dentro das muralhas de Saint-Malo, viviam antes das batalhas do desembarque aliado, 15.000 pessoas; o número dos seus habitantes orça hoje por 1.500. Tudo está em ruínas; nada intacto, senão as fortificações do século XII. E, entre essas ruínas, a nobre figura do homem que, em 18 de Junho de 1940, deu com Churchill, ao mundo o exemplo de dignidade, de fé e de carácter que valeu o triunfo das liberdades europeias, rodeado das bandeiras da cidade, que foi a primeira República soberana da França, retomava a sua antiga grandeza.

Saint-Malo, capital da costa da Esmeralda, era, nos meados do século VI, uma ilha granítica. Data de então o seu primeiro habitante, um monge de nome Aarão. Nos primeiros séculos da sua existência, a história dos malouins é uma história de frades e de corsários. Saint-Malo chegou a ter uma frota de 600 navios corsários. E nos dez anos que vão de 1688 a 1698 os corsários de Saint-Malo apreenderam e levaram para o seu porto 262 vasos de guerra e 3.380 navios mercantes. Lutaram obstinadamente contra os ingleses e os aliados dos ingleses.

De Saint-Malo saiu Jacques Cartier para descobrir o Canadá. Outro malouin, Duguay-Trouin (1673-1736), «oferece ao Rei, cuja marinha estava enfraquecida por repetidos combates, armar à custa dos habitantes da cidade uma frota de dezasseis navios, que, sob o seu comando, se apossa da inexpugnável e fabulosa capital do Brasil português, Rio de Janeiro, proeza que foi a última centelha de glória da Marinha do Grande Século». Estas palavras são traduzidas fielmente de um guia de Saint-Malo para uso dos turistas.

Não fica por aqui a evocação carioca dos malouins. No interior das muralhas, há uma galeria labiríntica e escura, onde se expõe em cera — em figurinhas de cera! — toda a história da «Cidade Corsária», de seus grandes homens e de seus grandes feitos, história que é como uma síntese da história da Marinha Francesa e da expansão externa da França. É uma galeria sórdida, medieval, com rampas de terra e escadas de pedra, com grades de ferro e marmoras no fundo das covas, onde o visitante é surpreendido, a cada canto, por um episódio da cidade, em cera colorida. Chegamos à história de Duguay-Trouin. Vagas de luz eléctrica e algumas centenas de quilos de cera, distribuídos festivamente — e com todo o rigor histórico que a natureza da matéria permite — pelas personagens centrais. Ao fundo, num fundo muito azul e orlado de pardo, a baía de Guanabara, uma baía ciclópica e turbulenta, dominada por uma cordilheira rochosa. No primeiro plano, calmo, magestoso, rompendo com as leis da perspectiva, mas de uma imponência dimensional impressionante, em tamanho sobrenatural, tocando as nuvens, o Pão de Açúcar. Entre o Pão de Açúcar e a cordilheira para do fundo, corre um formigante denso de casotas de índios, através da vegetação exuberante dos trópicos. A luz da ribalta, representa-se a cena. Duguay-Trouin, com a pele tostada pelo sol fluminense, bigodinho caído e ar de pequeno burguês dos nossos dias, está em animada «cavaqueira» com seus camaradas de proeza, proeza que o cicerone avalia em alguns milhões de... rupias. A numismática não é o forte dos cicerones de Saint-Malo. Tudo se passa na proa da galera, pejada de cordeame e de velas em desarrumado. Em guarda de honra à nau capitã, os restantes dezasseis navios da frota arvoram com orgulho o pavilhão malouin.

Os franceses, depois do sucesso do Museu Grévin, nos Grandes Boulevards de Paris, deram em utilizar os bonecos de cera para glorificar as suas grandezas passadas. A matéria não é feliz. Gostamos mais de «Os Lusíadas»; é mais didático e menos mesquinho. As ceras de hoje, e ceras policromadas, brigam escandalosamente com as pedras de ontem. É o brando ao lado do duro, o bonitinho ao lado do grandioso. O que seria a figura do Adamastor em cera, do alto de um Cabo das Tormentas de lona, vociferando ameaças terríveis por um disco de gramofone? Quando Saint-Malo nos apresenta o seu primeiro bispo, Jean de Châtillon, ou Ana da Bretanha, ou Jacques Cartier, ou Porçon de La Barbinais, o famoso corsário do Mediterrâneo, ou Marion de Dufréme, o herói da Ilha Maurícia, ou La Harpe, explorando o Luisiana e subindo o Mississippi, ou Le Gentil de La Barbinais, dando a volta ao mundo em 1727, com bastante atraso sobre o pelotão de Fernão de Magalhães, ou Gouin de Beauchene, descobrindo a rota marítima do Perú pelo Cabo de Fornos, ou Robert de Surcouf, etc., e, no domínio da especulação do espírito, Lamennais e Chateaubriand; quando Saint-Malo nos mostra todos estes homens eminentes reproduzidos em cera, com botões, botas, espadas, gravata, cabelo e punhos, no cenário da sua vida íntima, muito familiarmente, sem as narrativas dos cronistas da época, sem as gravuras dos pintores coetâneos ou os alexandrinos dos seus poetas, temos a impressão de assistir a toda uma história gloriosa narrada por bonequinhos de passar...

Os estudantes são os guias dessas galerias históricas. Tirocínio realmente aconselhável. Explicam tudo com muito conhecimento de causa e muita simpatia. Mas, após o último episódio histórico, o estudante separa-se dois passos da turma dos turistas, finca os pés no limiar da porta da saída, toma uns ares compungidos e estende humildemente a mão em demanda da gorgeta. Ora, este tirocínio não merece, francamente, o nosso acordo. Vai bem com a cera, mas não com a história de Saint-Malo, que é, sobretudo, uma história de carácter.

A gorgeta na França é uma instituição opressiva. É a mesma a única tirania que existe neste país livre. Suprimam os franceses a gorgeta, se querem realmente ter o orgulho, a justo título, de habitar num país livre. Detrás da gorgeta, na hora do «merci» ou no segundo que a precede, há sempre, é certo, um adorável sorriso de esperança ou de reconhecimento, mas há também uma carranca odiosa de recriminação, quando não um grito de revolta ou uma autêntica decompostura, se, por distracção ou desconhecimento do hábito, se esquece esse óbulo humilhante. É a tirania estende-se, sem uma brecha de respiro, totalitária, desde os imponentes salões do Palácio de Versailles, onde milhares e milhares de visitantes têm que desfilar, dois a dois, por uma porta entreaberta, para depositar, à saída, a gorgeta na mão ávida do respeitável erudito que o levou à intimidade do Rei Sol ou aos segredos de alcova de Maria Antonieta, depois de ter pago ao Estado o preço da sua visita; até o mais misero cinema de Paris, onde o preço da entrada é «obrigatoriamente» acrescido da gorgeta para a encantadora moça que nos conduz, ternamente, de lanterna acesa, até à cadeira.

Mas ao lado da tirania da gorgeta, tudo na França nos fala de liberdade: a história, os costumes e as leis. E, sob este aspecto, é especialmente evocativa a figura do grande Visconde de Chateaubriand, «monárquico por lealdade e republicano por carácter», que ali jaz, numa tumba simples, sem inscrição, de acordo com a sua vontade, no alto de uma rocha batida pelo mar, em frente do recinto fortificado de Saint-Malo, que lembra, de longe, visto do mar, essa obra prima da arquitectura medieval que é a bela e esplêndida muralha da Avila espanhola, da Avila de Santa Teresa de Jesus. Uma Avila irrompendo, como um milagre, das ondas do mar...

Comprando a primeira não quer outra.

A CAMISA EVA tem personalidade.

AQUELES SINOS

ALELUIA!

Aqueles sinos ouço-os bimbalar
É na memória o som trago-o gravado...
(Há samagaio farto a arrecadar!...
Que riqueza, Jesus, que batizado!...)

Aqueles sinos ouço-os delirantes,
Não os esqueço nunca um só momento...
(Que noivos tão formosos, tão galantes!
Na igreja, Santo Deus, que casamento!...)

Aqueles sinos ouço-os longe, além,
A ripostarem ecos de morteiros...
(Há festa à Mãe de Deus, à Virgem Mãe!
No arraial violas e pandeiros...)

Aqueles sinos ouço-os sonoros,
Repicam p'ra o azul sem escarcéu...
(Há muitos olhos tristes, lacrimosos:
É um anjinho que vai subir ao céu...)

Mas quando eles vibram com a alma,
Aqueles sinos tontos de alegria:
É quando Cristo Rei recebe a palma
No Sábado Auroral da Aleluia!

Abril de 1950

Delfim Guimarães

Canção do desencanto

Cabelos de prata, de prata e platina...
— Eram de ouro e seda os teus de menina.

Cabelos de prata... São de prata os meus!
— De prata saudosa do ouro dos teus...

Cabelos de prata... Se os vejo e os lembro!
— A arderem no ouro do sol de Setembro!

Cabelos de prata... De prata doirada...
— A onde o teu ouro, cabelos de fada?

Cabeça de prata... Foi alta e louça,
Qual astro subindo nos ceus da manhã!

Cabelos de prata, de prata ao luar
— Os teus eram de ouro... Ponho-me a chorar

Cabelos de prata, fiinhos de chuva...
— Fio diafano, loiro como os cachos de uva!

Cabelos de prata... São de prata os nossos!
— Imagens tremendo no fundo dos poços...

Cabelos de prata, miragem doirada
— O sol refletido na duna gelada...

Cabelos de prata... Cal do Cemitério.
— A lua no lago, o caso e mistério...

Cabelos de prata, cabeça de velho...
— Jesus, já nem ousa fitar-me no espelho!

Cabelos levados na nortada forte,
— De chuva e de vento, a acenarem à morte!

Do livro a publicar

«ECCE HOMO»

AMÉRICO DURÃO

Aleluia!

Após vigília de ansiedade cheia,
Maria Madalena e outra Maria
Correram, antes que raiasse o dia,
A casa de José de Arimateia.

Depois daquelas horas de agonia,
Das palavras proféticas da Ceia,
O seu Dóce Rabi da Galileia
À voz do Pai, á vida voltaria.

Um luar doirado ilumina o horto,
Onde haviam levado o Senhor Morto
As lágrimas de dor de Madalena;

JESUS RESSUSCITOU! Um anjo alado
Anunciou em repetido brado,
— Aleluia de amor, em alba — plena!

Março de 1950

Mendes Simões

Poucos dias antes da Páscoa hebraica, quando Jesus de volta a Betânia jantava em casa de Simão, e Maria, irmã de Lázaro ressuscitado, lhe enzugava com os cabelos o perfume que lhe derramara nos pés, Judas de Kerioth, invejoso e avaro, remordia-se de raiva e resmungava odiento que o dinheiro gasto no festim fazia falta aos pobres. Jesus, exaltando-se, prometia a imortalidade a Maria e investiva Judas, seu discípulo e apóstolo, exclamando: «Tereis sempre pobres convosco, mas a mim nem sempre haveis de ter».

Quatro dias depois, decidida a prisão de Jesus pelo sumo sacerdote e pelo stédrio, logo Judas de Kerioth, que fizera milagres e afugentara demónios, se prestou a traír o seu Mestre, a indicar o jardim de Gethsémani, onde Jesus costumava passar a noite, como local mais próprio para ser preso sem escândalo, a conduzir a escolta e até, se a lenda não mente, a dar-lhe um beijo para que os meirinhos do templo melhor o identificassem.

A morte de Jesus é a sua ressurreição. Jesus vive sempre no coração dos seus fieis, nas almas puras dos crentes, na consciência lúcida dos que compreendem e admiram o reformador gigante de uma religião que o condenou, porque morreu crucificado, em holocausto ao seu ideal divino. Na sua morte, está a sua eternidade. Porque morreu, vive em nós.

Mas Judas de Kerioth, esse, por desgraça da humanidade também não morreu; não se sabe se, com o dínheiro da sua traição conseguiu retirar-se da evidência em que a luta contra os fariseus o colocara, para continuar esvurmendo ódios, amealhando riquezas e conquistando poderio, ou, o que é menos provável para quem foi tão infame, se o remorso o venceu e lhe partiu o espinhaço dependurando-o do galho de uma figueira. O que sabemos é que nem o inferno o aceitou e que ele revive por esse mundo fora, multiplicado qual Hidra de Lerna que Hércules não dominasse, para a todos os momentos e encarnado em tantos dos que nos cercam e adulam, nos traír e empegonhar.

Judas, como o de Kerioth, en-

M. FELGUEIRAS

Páscoa das Flores

Nasci e vivi junto à igreja da Colegiada — a «insigne e real».

Os dias descuidados da meninice, passei-os sob o signo do devocionário cristão. A liturgia da Semana Santa que os senhores Cônegos e mais os Padres Capinhos do côro celebravam a rigor, atraía-me à igreja.

Sábado d'Aleluia. Apoteose de sol, de luz, de flores. Hossanas de corais e música de órgão.

Ressurreição de Jesus!
No alto da torre, cessava o arruído seco da matraca. De novo revolvam os seus sonetos dos repiques.

No templo, os altares despíam seus crepescos. Os santos, de face velada, ressurgiam. O velário das trevas era fíndo.

Aos salmos plangentes dos corais sacros, sucediam-se os hinários da música e a estridência das campanas. Dos turbilhões subiam perfumes de incenso. Lumes vivos e flores policromas ornamentavam os altares.

Por toda a parte, no templo, nas almas, na própria Natureza, tudo eram vivos testemunhos de Aleluia.

No regimento da sacristia da Oliveira, um capítulo é consagrado à Páscoa das Flores. Muitos cuidados no ceremonial. A tragédia do Calvário tinha o seu remate glorioso, apoteótico, no Sábado d'Aleluia.

Folheemos o Evangelho:

Estavam reunidos... Apóstolos. Jesus surgiu no meio deles. E disse-lhes: — «A Paz seja convosco!» E mostrou-lhes as mãos e o lado. Viram no corpo divino, sinais da crucificação. Jesus estava presente. E alegraram-se os discípulos. Então o Mestre lhes disse: — «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio!»

E os Apóstolos espalharam por toda a parte o milagre da Ressurreição.

Também os sacerdotes, à maneira dos Apóstolos, vão por toda a cristandade apregoando a Boa Nova:

— Jesus está convosco! Jesus é imortal!

Quem — por seu mal — não cria no dogma da Ressurreição, tenha ao menos a percepção da sua beleza augusta.

Podera eu regressar, voltar à meninice, para que me envolvesse o lírio deslumbramento da visita pascal! Então, eu dava-me à tarefa de preparar por minhas mãos infantes, fostões de murta, engrinaldadas com flores; com eles guarnecia as duas portas da casa onde nasci. Ali, na estrada de Fafe, perto das Hortas, havia esse material tão precioso para os fostões do meu engenho ornamentista. No chão, à maneira de tapete, espargia verdes, matissados de pétalas de rosas — que tudo

contrammo-los por toda a parte e sob todos os disfarces. Não acabam; proliferam e medram. Há-os de todas as formas, de variadíssimas cores e manchas. Atacam-nos por diferentes processos e só numa única modalidade todos se igualam: na da cobardia. São maus e peçonhentos. São invejosos porque se sentem incapazes de qualquer acção construtiva, no seu cérebro obtuso e deformado, tudo é vesgo e retorcido. Raras vezes nos atacam de frente; só quando nos sentem manietados ou moribundos. Recorrem, para nos ferir, a todos os processos torpes. As suas armas predilectas são a da calúnia e a intriga. Em geral, jogam-nos rasteiras servindo-se do anonimato ou acobertando-se por detrás de qualquer subalterno a quem ensinam a escrever o nome com todas as letras abaixo das venenosas diatribes que lhe impingem.

O povo conhece-os e despreza-os; quando muito, simboliza-os num boneco de palha e papel variegado que faz arder e estovar ao badalar festivo dos sinos que nos anunciam a Aleluia.

Aleluia! E com este grito de alegria, desartodoados os ouvidos do último estrondo que esfarelou a cabeça do boneco, logo tudo esquece para só pensar na ressurreição de Jesus que adora, do Jesus que abriu para a Humanidade um mundo novo de paz e de liberdade, de amor e de perdão. De perdão para os próprios Judas que não têm culpa da sua alma penitente, de terem nascido mesquinhos e miseráveis. Aleluia! Glória a Deus que nos manda Jesus, a síntese maravilhosa de tudo quanto há de bom e de grande na Natureza, de tudo quanto pode existir de santo e de puro no coração do homem. Aleluia! Aleluia para nos unirmos e elevarmos-nos muito acima da baba em que ficamos rastejando os infelizes descendentes do desgraçado que há perto de dois mil anos entregou, num beijo hediondo, ao carcarro, a forma terrrena de um gênio que, sucumbindo ao martírio da cruz, logo ressurgiu num clarão que para sempre há-de iluminar o mundo!

M. FELGUEIRAS

era um primor, aos meus olhos de criança.

Vamos andados em curva sinuosa. Os tempos, são outros. O Padre, em visita pascal, segue a sua rota; sómente a cidade não faz hoje competição à aldeia. Não acompanha o centro urbano, o velho, o tradicional costume. Não há arcos de mirto e rosas no limiar das casas. Que digo! Mais delas, estão cerradas.

E, quando não estão cerradas, os seus moradores voltam as costas à visita pascal. Quando muito, lá estão os servos — tanto basta! — para a receber.

Se queremos ainda vislumbrar esses quadros lindos da visita do senhor Abade, — anunciar a Ressurreição de Jesus pela moradia dos seus parquianos — vamos à aldeia.

Ai, sim, ainda os Pintores e os Poetas podem recolher telas impressionistas, de colorido e emoção. E, quanto mais humilde é a aldeia, quanto mais oculto na serra é o povoado, mais o quadro avulta de beleza ingênua e pura.

Escutemos. Vejamos. Retinem campanhas; estrondeiam foguetes; anda no ar um arruído de festa. O aranhão das casas e os atranquilhos dos caminhos, tudo anda nos cuidados da limpeza e da arrumação. Hervas cheirosas juncam os caminhos, guiando os trilhos ao grupo do Compasso. Nos companários os sinos bimbavam alegres. A mesma fisionomia da Natureza, traduzem poesia o lindo drama da Ressurreição.

Ainda que mero simbolismo seja quanto os nossos olhos nostálgicos contemplam, mesmo assim, o espectáculo vale a pena admirar-se.

Se há quem não aceite este lirismo do quadro da Páscoa florida, tenha ao menos a caridade em não destruir o encantamento do grato e suave milagre de Jesus ressuscitado.

Fechem-se os cépticos, os cépticos, os frios de alma, no seu âmbito da seca dialética, e deixem que os corações simples sejam, em ascese religiosa, a bela miragem.

Assim faço eu, em satisfação ao meu orgulho de saber que nada sei, de ciência certa, do grande Mistério da Ressurreição de Jesus.

Quinta das Aves — Delães.

M. de Carvalho

Não disforme os pés dos seus Filhos!

A Sapataria LUSO garante-lhe a comodidade precisa.

Consumatum est

Tinha de se dar. Estava escrito há muitos anos. Os homens foram sempre maus. Entre um justo e um ladrão, escolhem, malévola e, o ladrão. Barrabás houve um de nome, mas ha muitos que o são na realidade. Jesus só houve um no nome e não pode haver outro.

O que fez Barrabás? O que fez Jesus?

Jesus fez o que ninguém pode fazer. Barrabás fez o que todos podem fazer e, na sua quase generalidade, fazem. Não custa ser ladrão. E ladrão não é só aquele que se arrisca aos percalços do assalto ou se expõe às contingências de ser descoberto. Não custa ser ladrão. Não custa ser mau. Perdoase com facilidade as misérias que se têm ou que se podem ter e é um açular de invejas quando se reconhece que há impossibilidade de atingir aquilo que outrem atingiu.

Assim, erguem-se três cruces. Expõem-se às vaias da população infrene três homens. Um simboliza o Bem absoluto; outro a maldade conhecida e recriminada; e o terceiro o arrependimento sincero que e a única reabilitação.

Miserável é o homem. Nem sabe ver nem sabe julgar. Mostra-se alegre e quantas vezes o coração chora; aparenta felicidade e no seu íntimo ruge o mais tenebroso inferno; inventa tranquilidade, quando na sua consciência reina o remorso; canta louvores e deseja a morte.

É assim a vida. Pobre vida. Vida que se morre e não vida que se vive. Sempre a preocupação de enganar. Sempre a preocupação de que não se saiba o que cada um sente e o que cada um pensa. Todo o homem é artista de si mesmo e tenta a viva força vender os seus quadros — os quadros da miséria íntima que vai colorindo ao melhor agrado do público.

Quando se trata de condenar, pecadores e justos sofrem as mesmas chufas. Os Pilatos lavam as mãos. Pensam que lavar as mãos é lavar a consciência. Mas não são melhores nem ficam melhores, porque lhes falta a hombridade moral para arrostarem contra os ulos das turbas. Fraqueza e falta de carácter.

E, assim, Jesus subiu o Gólgota. Nada tinha a esperar. Alguns algozes. A guarda romana. O intendente da autoridade. O povoleu que blasfema e grunhe só porque ouve uma voz mais alta que blasfema e grunhe. O tetrico junto com o felino. A mansidão e a revolta. A inocência e a velhacaria.

Despem Jesus. É um malfeitor. A maior ignominia é a cruz. Pois que seja pregado na cruz, no meio de dois ladrões.

O julgamento dos homens é assim. Ai de quem tem a infelicidade de cair nas malhas desses juizes! Quanto mais defeituoso for o juiz, maior há-de ser e pena.

Por isso, Jesus teve a pena máxima: A morte. «Morrem autem crucis». É a morte mais afrontosa que então podia haver: a crucificação.

O drama do Calvário é o drama mais repugnante da história da humanidade. É um exemplo e uma terrível lição. Os homeus não seguem o exemplo nem querem compreender a lição. De resto, o exemplo de Jesus é um exemplo que só de largo e imperfeitamente se pode seguir, dada a distância entre Deus e a cria-

tura. Mas a lição aí fica pelos seculos fora a afirmar que as portas de Jerusalem juncadas de viçosos ramos e os hossanas festivos numa hora de triunfo nada adiantam e já nem sequer lembram, quando chegar a sexta-feira da Paixão.

Consumatum est!
Assim tinha de ser. E os tristes, os famintos, os que choram e os que sofrem, os que têm fome de justiça e os que são perseguidos vão recordando como unico lenitivo o sermão da montanha. Alguma coisa ficou. O sangue de Cristo não podia ser derramado inútilmente.

Ferreira Torres

Páscoa Lisboaeta

por Aurora Jardim

Quando eu era pequena mandavam-me de Paris os ovos da Páscoa.

Uns de chocolate, outros cor de rosa com fitas, estes doirados com papel de renda.

Cada qual uma surpresa, um êxtase, uma exclamação!

Já ninguém mos envia de lá, hoje, mas na recordação fica sempre a lembrança da irisação contemplada e do prazer sentido.

Há coisas que valem — pelo que foram.

* * *

Lisboa, nesta quadra é um roseiral de perfume e movimento.

O Chiado todo se decota nas montras das pastelarias: cestinhas carregadas de frutas cristalizadas, deliciosos doces de ovos, saboroso pão de ló atalhado de açúcar, amêndoas policromas vestidas nas cores da moda: rosa *Patou*, azul *Jaques Fath*, riscas brancas e verdes em que *Carven* delicadamente envolveu o perfume «Robe d'un soir» que me enviou...

— Ora aí está! Não recebi ovos de Paris, mas recebi perfume. E ele é bem, para a gente crescida, o que a guloseima é para a miudagem.

* * *

Na Quinta-feira Santa, com a mantilha posta sobre o cabelo loiro visitei algumas igrejas do Chiado.

Mártires... Loreto... solenidade funda dentro da peregrinação impregnada de misticismo, de elegância e de fé.

Romaria? Não; aqui não tem esse aspecto. Há violetas nas mãos e os olhos rezam.

Por entre as violetas há esmolos também

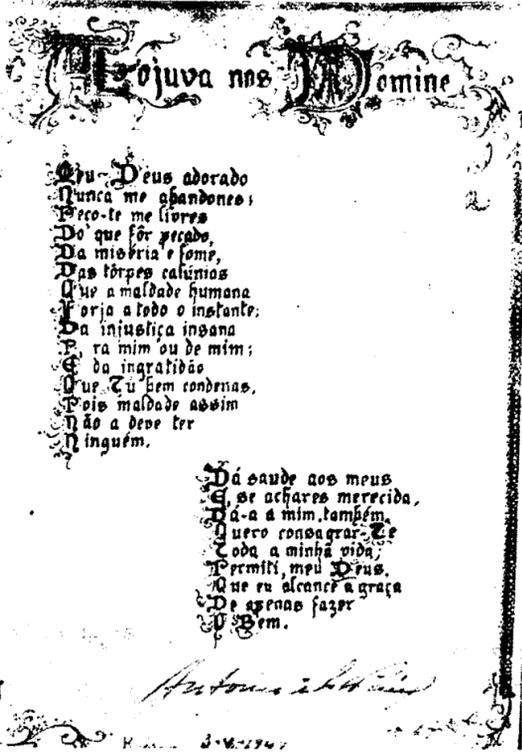
* * *

Vestidos novos, sinos a repicar, montras esfusiantes de bonitas ofertas, espectáculos abarrotando alegria nos olhos, nas ruas, nas bandeiras, nos jardins, nos recintos populares e em S. Carlos.

— Dêem todos as mãos. Hossana! Dêem todo o seu coração, haja docura e fraternidade: Jesus Cristo nosso divino Salvador, ressuscitou!

Aurora Jardim

Fixe esta palavra: **Ideal** e... aguarde!



Deus adorado
Nunca me abandones,
Pelo-te me lixas,
Do que for pecado,
Da miséria e fome,
Das tôrpes calumnias
Que a maldade humana
Forja a todo o instante.
Da injustiça insana
Que ra mim ou de mim;
E da ingratião
Que tu bem condenas,
Pois maldade assim
Não a deve ter
Ninguém.

Dá saúde aos meus
E se achares merceda,
Dá-a a mim, também,
Quero consagrar-te
Toda a minha vida,
Permiti, meu Deus,
Que eu alcance a graça
De apenas fazer
Bem.

N. R. — Tendo tido conhecimento pelo «Osservatore Romano» da audiência dada por Sua Santidade ao Dr. A. Paül, aquando do desempenho da missão oficial a Itália, em 1949, e sabendo que este nosso amigo lhe tinha oferecido uma das suas poesias, trabalhamos em conseguir uma reprodução de tão interessante oferta, para ilustrar este nosso número de Páscoa. Aqui a reproduzimos com a devida vénia.

Esta poesia foi escrita em 1942 para dádiva de um aniversário e foi acompanhada de uma dedicatória que, por mostrar os elevados sentimentos do Autor, reproduzimos a seguir, cientes de que ele nos revelará a inconfidência:

«A M. A... se oferece, dedica e consagra esta breve oração no dia do seu aniversário.

Parecerá modesta a oferenda do Poeta. Mas ele preferiu substituir a dádiva material, que seria inútil, as flores do seu jardim, que murcham e morrem, ou as palavras de compadre, que se tornariam banais, pelas notas da sua lira, que na sua humildade, tentaram exprimir os anseios do seu coração.

Que o bom Deus, escutando a humilde prece, espalhe no seu caminho as puríssimas flores da santa alegria da alma.

29/XI/1942»

Carta a um amigo descrente

Meu Presado Amigo

Escrevo-lhe quase nas vésperas do dia de Páscoa e aproveito esta oportunidade para conversar um pouquinho consigo sobre o seguinte:

Conheço, muito de perto, as accões de benemerência que pratica e, portanto, sei que possui um coração generoso, não só por se condoer da situação de miseria em que vivem muitos dos nossos semelhantes, mas ainda porque presta aos seus amigos todos os serviços que estiverem ao seu alcance. Nenhuma dúvida terei, pois, em afirmar que é uma pessoa caritativa e prestável, qualidades dignas do meu apreço, e da minha consideração. Porém, gostaria de o ver menos descrente em matéria religiosa, isto é, menos pessimista quanto aos preceitos dogmáticos da Religião Católica, tanto mais que, conforme é do meu conhecimento, não se opõe a que sua Família professe essa religião. Conheço, igualmente, a forma delicada e atenciosa como é recebida em sua casa, a Visita Pascal e, em face de tudo isso, eu gostaria, como digo, de o ver transformado em Católico praticante, uma vez que essa resolução encheria todos os seus de grande satisfação e de grande alegria. Evidentemente, que não pretendo censurar o seu modo de pensar e isto porque sempre tenho respeitado a crença e o ideal de cada um, atendendo a que também exijo para mim igual procedimento, o que, infelizmente, nem sempre acontece, porque por parte de uns, quer por parte de outros. De resto, entre o ser Católico con-

victo e o sé-lo, apenas, para dar uma satisfação à sociedade do meio em que vive, como acontece a alguns — que julgam enganar quem os conhece e lançar poeira nos olhos de Deus — mais vale, nesse caso, seguir o seu exemplo de não ser hipócrita nem de desejar estar de bem com Deus e com o diabo. No entanto, lembre-se, meu prezado amigo, dos nomes de Grandes Homens que sempre andaram rédios da Religião Católica e morreram convertidos!

E aqui tem o meu foliar, o qual lhe será entregue no solenissimo dia de Páscoa.

Creia-me o seu amigo de sempre

Abril de 1950.

S. M.

(Continua na 4.ª página)

Ressurreição

Renasce a terra. Volta a Primavera,
Volta com ela a Ressurreição.
Renasce tu com ela, Coração,
Que para ti comece nova era.

Nasce de novo. Mata em ti a fera
Da Vaidade, Orgulho ou Ambição.
Renasce novo e puro, ó Coração,
Traz também em ti a Primavera.

Se o candido e Doce Nazareno
Se Deixou matar, triste e sereno,
Para te redimir, com sua cruz,

Porque não matarás em tua alma
O vão anseio, ressurgindo em calma,
Tal como um dia Ressurgiu Jesus?!

PASCOA 1950

A Ressurreição

A Igreja reveste-se das melhores galas, ao anunciar a Ressurreição do Divino Mestre.

E a sua hora alta de triunfo pleno e absoluto sobre todas as forças do mal; é a afirmação do seu novo e superior conceito de vida, que não ficou circunscrito ao espaço limitado de um túmulo, antes o ultrapassou para sua eterna glória.

Realizara-se a Ceia Pascal com os Apóstolos, decorrera a Paixão e surgiram os dias sombrios e lutosos das Trevas.

O Mundo ia presenciar, através do milagre da Ressurreição de Jesus, a vitória esplendorosa do Cristianismo.

Um Homem de filiação divina, mas de nascimento o mais humilde, portador de adorável e sublime mensagem de Paz e Caridade opera milagres, faz profecias e dispõe-se a todos os sacrificios, até deixar-se crucificar.

Esse Homem sabia de antemão, que lhe estavam reservadas todas as vitórias e todas as derrotas, os maiores louvores e os maiores insultos. Sabia também que os caminhos ásperos do Calvário e o seu suplício resignado no Gólgota, seriam a eternidade da vida n'Ele personificada.

Assombrosa missão a desse Homem simples e assombroso destino o da Humanidade, guiada por sua mão!

A distância de muitos séculos desses acontecimentos, o Mundo continua, obstinadamente, a não compreendê-los.

Os personagens do drama de então revivem ainda nos dias de hoje: os mesmos Judas, os mes-

mos Pilatos, a mesma Cruz da vida que uns suportam serenamente e outros aguentam até ao desespero, o género humano com as suas angústias e inquietações, o mesmo dinheiro na sua pretensão de tudo e todos comprar, a mesma plebe inconsciente e fanática!...

A Humanidade não compreendeu, afinal, o sacrificio do Messias ao oferecer-lhe totalmente a existência e não compreendeu, sobretudo, a sua Ressurreição para além do Sepulcro, que se abriu para início de outra vida que a morte não conseguira apagar e só dramaticamente delimitara.

Acontecimentos, na verdade, de luminosa transcendência, deixemos que o género humano os medite e encare no seu real, profundo e divino sentido.

Só a divindade de que se revestiram, explica não terem desaparecido da memória dos homens. O Cristianismo resistiu à incompreensão e ao tempo. D'ali, a sua eternidade futura.

Como doutrina — é a que melhor solução apresenta para todos os problemas que apouquem a nossa sensibilidade nos seus anseios de justiça e na sua sede de felicidade.

Nela tem-a sociedade o seu melhor Código, moral e socialmente perfeito, a linha recta da sua vida e a certeza de, à sua sombra, atingir a sua própria Redenção.

Celebremos a Ressurreição de Jesus, como garantia suprema de que viveremos para além da morte, segundo as Suas próprias palavras: O que cret em mim, embora morto, viverá.

CARLOS SARAIVA

Saudosas recordações

Com o rodar dos anos, mais afastado eu vejo o meu passado e, portanto, mais distanciado me encontro daqueles tempos em que a minha existência me surgia como um mar de rosas, sob a protecção de meus saudosos Pais e mimoseado com os carinhos tão afectuosos que me dispensavam. Ao recordar-me desses tempos, é com a mais sentida e a mais profunda saudade que me lembro da Festa da Páscoa na minha pacata e modesta aldeia e da alegria, que, então, reinava no meu jovem coração, ao ouvir o estrelajar dos foguetes e o toque da campainha que anunciavam a visita do Senhor as casas daquele rústico e pequeno aglomerado. O reverendo Pároco, homem virtuoso e exemplar Pastor de almas, dava as Boas Festas da Aleluia e, sempre alegre e sorridente, sentia-se feliz no meio do religioso ambiente que encontrava em todas as habitações, desde as dos mais humildes às dos mais abastados paroquianos, pois nem nas daquele faltava uma pobre mesinha coberta

A falar das andorinhas

«Para o Arturinho»

Foi neste dia bendito que Jesus Nosso Senhor ascendendo no infinito ressurgiu para o amor.

Já voltou a Primavera aos corações que a esperaram... Ao beiral, que há tanto espera, as andorinhas voltaram...

Na mais humilde das casas, ostentando um ar amigo, dois casais rufando as asas, procuram o lar antigo...

«Se eu fosse rica», pensava mirando-as, a boa Aninhas, «de certo nunca faltava o foliar às andorinhas...»

«Neste dia de bondade, ao menos uma vez só, comeriam à vontade migalhas de pão de ló...»

... E cismando adormeceu, e adormecendo sonhou que Jesus lhe apareceu, docemente lhe falou:

«A Caridade é tributo que em tudo brilha e sorri... Entrega aos outros o fruto e nem se lembra de si...»

«Penaste bem, pequenita, essas ideias entendendo-as...» E depos-lhe na mãozita uma saqueta de amêndoas...

Abriu-a, a linda menina, de rosto alegre e conforme: uma amêndoa, branca e fina, cresceu, cresceu, fez-se enorme...

Primeiro igualzinha a um ovo do cumprimento de um dedo, e aumentando, caso novo, quase excedeu um penedo!

Nisto—trás, trás!—parte ao meio e da grandeza da mão sai-lhe loirinho, do seio, descomunal pão de ló!!!...

«Belo!» exclama nessa altura batendo as palmas, Aninhas: «Já posso dar com fartura o foliar às andorinhas!»

Mas a interromper-lhe o sonho acordou-a a mãe, contente: «Filha», diz em tom risonho, «Deus teve pena da gente!»

«A nossa Páscoa é de festa, de banquete verdadeiro! Vê o que traz esta cesta que mandou o brasileiro...»

E na cesta a transbordar, as pobrezinhas de Jô, encontram um bom jantar, amêndoas... e pão de ló!

Liberta da vil tresteza, comeu quanto quis, a Aninhas, e pôde dar com franqueza o foliar às andorinhas.

ZITA DE PORTUGAL

LUDOVINA FRIAS DE MATOS



Câmara Municipal de Guimarães

Anúncio

Concurso público para a adjudicação da empreitada de

“Trabalhos de reforço e alargamento da Ponte de Serves,,

Até às 12¹/₂ horas do dia 5 de Maio próximo, esta Câmara Municipal, de harmonia com a sua deliberação em reunião de 3 do corrente, aceita propostas, em carta fechada, para a adjudicação da obra acima referida, a qual se efectuará nesse mesmo dia, reservando-se, porém, o direito à Câmara de proceder à sua entrega só na reunião imediata ou mesmo de não fazer a adjudicação se assim julgar conveniente aos interesses do Município.

Base de licitação 479.993\$00

Para ser admitido ao concurso torna-se necessário a apresentação do recibo de ter efectuado na Caixa Geral de Depósitos ou suas Delegações, o depósito provisório de Esc. 11.999\$80, o qual será feito até às 12 horas do dia da arrematação.

O depósito definitivo é de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e caderno de encargos a cujas condições o adjudicatário fica obrigado, acham-se patentes na Repartição de Engenharia deste Município, na de Famalicão e na Direcção de Urbanização de Braga, onde todos os dias úteis, das 9¹/₂ às 12¹/₂ e das 14 às 17 horas, podem ser examinados pelos interessados.

Guimarães, Paços do Concelho, aos 4 de Abril de 1950.

O Presidente da Câmara Municipal

João Maria Rodrigues Martins da Costa

Para as Crianças há um

CALÇADO UPA!

CHAMA-SE:



Exclusivo da:

SUPERIUS

SAPATARIA VIMARANENSE

RUA DA RAINHA, 82 — GUIMARÃES

Lêde e propagai o “Notícias de Guimarães,,

Para o servir



NO SEU CAMINHO

Sapataria OLIVA

48-Rua de Santo António-52

Telefone, 40165

200

Se V. Ex.^a ainda não visitou este novo estabelecimento, não deixe no seu próprio interesse de o fazer sem demora.

Nele encontrará expostas à venda as mais recentes criações de todos os tipos de calçado para senhora, homem e criança.

Confecção impecável! Absoluta confiança!

Sem igual!

PIGALLE

O Restaurante N.º 1 do Porto

Avenida Rodrigues de Freitas, 202

PORTO

TELEFONE, 52848

BRAGA & CARVALHO, SUC.^{RES}

TOURAL

Informam que a partir de quarta-feira recebem quente o afamado **Pão de Ló de Margaride** de Leonor Rosa da Silva, esperando ordens dos seus Ex.^{mos}

Clientes para despachar para qualquer ponto do País. Encontra-se neste estabelecimento grande sortido de amêndoas e caixas de fantasia.

Sociedade Industrial

Perez, Feneina & C.a, L.da

FUNDADA EM 1908

Fábrica de lãs, cachetés, preparação e fiação de estambres

Premiada nas Exposições do Rio de Janeiro e Sevilha com medalha de Ouro.

Membro de Júri — fora do concurso na Exposição Industrial Portuguesa.

Tecidos para vestidos de senhora, cachetés, bordados e estampados

Telefone P. B. X. 37086-37087

Telegramas: INICIATIVA

Rua Rodrigues Faria, 95 -- Alcântara

LISBOA

EMPRESA Auto-Guimarães

JOÃO CARLOS SOARES

TELEFONE, 4458

Carreiras de Passageiros
entre Guimarães,

P. de Varzim, Famalicão, Fafe e Braga

AUTO-CARS PARA EXCURSÕES

Estação de Serviço — Lavagens.

Lubrificações — Mecânica geral.

Camionetes de carga de aluguer

De 4.000 e 6.000 Kg. a preços especiais

Avenida Conde de Margaride

GUIMARAES

AS FÁBRICAS

(Distrito do Porto e Braga)

Agente Comercial, residindo perto de Coimbra, relacionado desde há 18 anos com a clientela Armazenista dos artigos de Malhas, Miudezas e Fazendas Brancas existentes nas áreas dos distritos de: Aveiro, Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Setúbal e Viseu, aceita representação exclusiva para aquela zona.

Informa por favor **António Vaz da Costa & Filhos, Ltd.^a**
— Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES. 144

João Mota Prego de Faria

2, Rua de Paio Galvão, 2
(Esquina Poente — Toural)

Telefone, 40242

GUIMARÃES

Radiologia Geral — Tomografia

Exames ao domicílio

Fábrica de Tecidos Moreirense, L.da

Panos para lençol, riscados para o continente e colónias. Fantasias de gosto.

Sêdas. Sortido completo para forros. Artigos finos para homem e senhora.

Moreira de Cónegos

VIZELA

NO NOSSO TEMPO A OLIVEIRA

CO

PEQUENO PASTOR



Já agora, uma diversão no meu «Projecto de Memórias», que queria limitar apenas ao Sul de Angola.

No meu tempo, naquele risinho tempo em volta dos meus vinte anos, constituíamos nós, os daquele tempo, um grupo de rapazes unidos, concordes, alegres, despreocupados de política, de questões sociais e de quejamdas obsessões que trazem presos os espíritos dos rapazes deste tempo.

Não havia cinema, nem futebol, nem fins de semana, nem automóveis, nem aviões, nem rádios, nem Casinos, e o «hors d'oeuvre», ainda era desconhecido das ementas dos hotéis e restaurantes de então.

Teatros só de longe a longe, no velho Afonso Henriques, e cinema uma vez ou outra com aquelas fitas mudas, de gestos estacados, «poses» dramáticas e actuações trágicas, que faziam chorar às bagadas a assistência, interessada nos lances em que a ingénua era iludida pelo galã da peça.

Ainda me recorde de uma fita dessas «A filha do sacristão» que, repetida «a pedido de várias famílias», fazia chorar a parte feminina, com grande gaudío do nosso grupo.

Recorde-me também de um barracão erguido no Largo de S. Francisco, em que uma companhia teatral levava à cena operetas e comédias, que fizeram as delícias da gente daquele tempo.

E até de um actor cómico, o actor Victor, da Carmen de Oliveira e da Auzenda, tendo esta última uma homenagem no seu «debute» em que colaborou o José de Meira com uma enorme «aricatura».

Ainda existia com todo o seu esplendor a Assembleia Vimaranesense, ali no Largo de São Tiago, frequentada por tudo quanto havia de mais representativo nesta cidade de Guimarães.

E muitos do nosso grupo pertenciam à Assembleia e constituíam nela o elemento irrequieto, renovador e jovem, naquele conjunto de criaturas conservadoras de um passado que precisava de remodelação.

Porém, o nosso respeito pelos «velhos», e pelos seus costumes, mantinha-se, apenas procurávamos introduzir inovações sem prejudicar o passado.

Nos costumes e tradições da Assembleia estava de há muito consagrado um baile pelo Carnaval, oferecido pela Direcção aos seus sócios e famílias.

Aquilo era conduzido com todo o rigor e pragmatia da boa sociedade de então, e abria pela quadrilha de honra dançada pela «velhada» presente, iniciada pelo general Sequiera, Presidente da Assembleia, tendo como par a senhora de maior representação.

Marcada, em francês, por uma conhecida figura vimaranense, seguia cerimoniosamente todas as mareas dessa esquecida e encantadora dança, enquanto os rapazes e as moças, excluídos desta honra, esperavam impacientemente que os «velhos» tivessem essa ilusão da sua mocidade, para encetarem as valsas, as polcas e «pas-de-quatre», e outras coreografias mais próprias da gente moça.

Lá para o meio da noite servia-se um chá com bolos às senhoras, e os rapazes apressavam-se a servir de escudeiros às suas gentis parceiras, e a seguir era o «cotillon».

Mas neste entrava toda a gente, novos e velhos, e era ver a alegre confusão que se estabelecia com as mais extravagantes marcas desta dança, em que tudo se dançava, e ornamentados com os mais cómicos enfeites.

E a noite seguia sem se dar pela sua passagem até que nascia o sol, e cada um ia para sua

casa a desejar o baile do ano seguinte.

Ora nós, os do nosso grupo, como julgásemos muito limitado este programa, resolvemos num ano, creio que o de 1912, realizar por nossa conta um baile no sábado Gordo, que o da Assembleia era na terça de Carnaval, e fomos ter com a direcção que imediatamente acedeu ao nosso pedido, visto nada ter com as despesas, pondo à nossa disposição as salas, pessoal e tudo o mais que precisássemos.

Este baile era dedicado às meninas vimaranenses e a outras que convidamos.

Agora uma nota característica dos rapazes de então — nos convites não se consignava preço de entrada para cavalheiros e senhoras — era tudo oferecido, e por nós.

Contratamos um sexteto, e do Porto veio um serviço da Confeitaria Oliveira, para o que nos cotizámos todos com o que cada um pôde, uns mais, outros menos, e tenho uma vaga lembrança de que tudo nos ficou por uns trezentos mil reis, dos daquele tempo, claro.

O salão da Assembleia encheu-se a trahordar e a praxe cumpriu-se com a tradicional quadrilha da «velhada» e depois então tomamos nós conta do «campo de operações».

Por aquela ocasião começaram a aparecer as serpentinhas, confetti e lança-perfumes, e tal foi a quantidade que se jogou, que a sala foi varrida por duas vezes para não embaraçar os que dançavam.

Depois do chá protocolar, e já de madrugada, irrompe pela sala de baile dentro uma «festada» a servir caldo verde e bolinhos de bacalhau, arranjados no restaurante da «Linha», que produziram tal entusiasmo que houve quem repetisse.

Este baile ficou memorável, mas, muito em segredo, tanto em segredo que só o soubemos pelos convites, as raparigas quiseram retribuir a homenagem.

E na «Mi-Carême» abrem-se de novo os salões da Assembleia Vimaranesense para este desforço da mocidade feminina de Guimarães.

Aquilo foi um deslumbramento com a sala ornamentada a cor de rosa, o reforço de luses, a magnificência do serviço e a gentileza da Comissão dirigente.

Bons tempos! Oh! bons tempos aqueles em que estabelecemos o nosso quartel general na Rua da Rainha, primeiramente na mercearia do Albano Pires de Sousa e depois o mudamos para a do Barbosa.

Dali saíam as serenatas, dessas serenatas de então, com a guitarra gemente do Bernardo Azenha, os violões do Adelino Jorge e Fernando Chaves, íamos, em horas perdidas das noites de luar, levar as homenagens da nossa mocidade àquelas que nos prendiam o coração.

Dali saíram estrondosas ceias na «Linha», partidas, rapaziadas, excursões à Penha, como a do 12 de Agosto, e até um jornal, número único, único exemplar e manuscrito, para o qual

pedimos a experiência e elaboração do nosso A. L. de Carvalho, e que possui o Adriano Tropa, creio eu.

Depois dispersámos, fomos cada um para seu lado, caminhamos na vida e chegámos a velhos.

E a Rua da Rainha, que era «tão principal», como diz o meu velho amigo A. L. de Carvalho, perdeu a importância que teve naquele nosso tempo.

Tudo se foi, e agora restamos a melancólica lembrança desse tempo e desses rapazes de que já tantos faltam.

Deles quantos há presentemente?

Nem quero fazer-lhes a conta, basta-me recordá-los sem distinguir entre os que estão e os que se foram e deles citei apenas os indispensáveis para esta saudosa narrativa.

Ah! ainda agora reparo, chamolhes como outrora — rapazes, e já estamos todos velhos!

E quando passo naquela Rua da Rainha e chego à Feira do Leite até ao Largo da Oliveira, como olho admirado para o que aquilo é, e recorde com saudade o que aquilo foi!

Jugueiros, Felgueiras, 21 de Março de 1950.

A. de Quadros Flores

FARPAS

*Vendi o Mestre, o Senhor?
Fui carrasco, fui traidor
Pra quem devia adorar?
Porque não disse na Cruz
Que não desviava a ideia
Do meu Jesus entregar?*

*Seduzido p'la avareza,
Porque estive ali na mesa
Com Jesus e os companheiros?
Porque perdi a alegria
Quando tudo me parecia
A saca e trinta dinheiros?*

*Porque dei eu a amargura
Ao Rei cheio de ternura
Que nos deu o coração?
Quem, assim, me seduziu?
Quem foi que em mim incutiu
A ideia desta traição?*

*Foste tu, ó vil metal,
A origem de tanto mal?
Não vês estas mãos a arder?
Abandonas e não teimes
Em voltar. Vai e não queimes
Quem não pode mais sofrer!*

*Tu que podias entrar
Nos lares e suavizar
A miséria, o luto, a dor,
Forneces-me a aflição!
És o prêmio da traição
Feita a Cristo — O Salvador!*

*E vós? Porque gargalhais?
Pareceis monstros iguais
Aos que hoje me causam asco!
Stás a tentar-me, fiquera?
Pois sejas tu a primeira
A dar-me a morte — o carrasco!*

*Aí vai o meu dinheiro!
Tomai-o por companheiro
E muitas lutas teréis!...*

*É o Judas arremonso
Para longe o que ganhou
Entregando o Rei dos Reis.*

*Lançou um laço ao peixeço
E, apertando o carçoço
Enforcou-se, furibundo!
Passam séculos, gerações,
Mas os traidores, os vilões
Ainda abundam neste mundo!*

DARMOA

Ao entardecer de um destes dias de Inverno, cujo lindo sol fazia a inveja à Primavera de outros países, o Gabriel, pastorsinho de 6 anos rijos, com a sua samarra coçada, o boné repuxado sobre os cabelos alourados e hirsutos, as mãositas gretadas de friciras, amparado ao cajado, olhava pensativo para uma velha oliveira.

Os carneiros pastavam tranquilos e a cadellita *Camélia* vigiava atenta.

A árvore, com o seu tronco descarnado, parecia erguer aos céus os braços, contorcidos num clamor de revolta e de desespero.

A oliveira adivinhou o pensamento do rapazinho e falou assim no silêncio da tarde que apenas o soar de um chocalho quebrava de quando em quando:

— Julgas que eu estou desesperada? Porque me vês tão feia, tão velha, tão enrugada?

Pelo contrário.

Dou graças a Deus que me distribui mil anos de vida e que me enche os ramos de frutos em cada ano.

Sou velha, velha como o Homem...

A pomba que Noé soltou, da Arca tornou com um ramo de oliveira no bico. A terra de Canan tinha muitas oliveiras e, por isso, era conhecida por «terra de azeite e mel».

E a Terra Santa de Jerusalém é parecida com a de Portugal, e Jesus orou, pela última vez, num horto de oliveiras.

Algumas das que assistiram a essa triste agonia do Mestre ainda vivem...

O azeite é luz: — as lâmpadas dos egípcios, as dos fenícios, de argila e cobre, e as candeias de Portugal alimentavam-se de azeite.

Os Césares romanos re-

partiam azeite e pão ao povo faminto. Porque o azeite é quase tão santo como o pão. É até nas aras dos sacrifícios deitavam-se umas gotas de azeite antes de imolar a vítima.

Entre nós, o azeite não tem as finuras de fabrico que lhe dão na França e na Itália.

Não que o nosso fruto seja pior, mas porque aos portugueses sabe bem o azeite puro, com o sabor e a graça que a Natureza lhe deu.

O azeite bom é o melhor de todos os condimentos, melhor do que a manteiga que se usa nas terras do Norte onde falta a nossa benção, melhor do que as gorduras de animais que outras gentes utilizam, pobres que precisam de fazer vítimas para poderem preparar as comidas.

Em Portugal, ricos, remediados e até os pobresinhos de todo têm um fio de azeite para temperar a comida.

Ninguém, nem os milionários nem os mendigos passam sem ele...

O azeite é a luz!

A velha oliveira calou-se.

O pastorzito, que via começarem a luzir no crepúsculo doce as lâmpadas electricas da vila, protestou, atrevido:

— E a luz electrica?

A oliveira respondeu, serenamente:

— Que me importa a luz electrica? Atrever-se-iam a iluminar os Sacrários das igrejas e os oratórios dos lares, ricos ou pobres, com lâmpadas electricas? Não sabes que somente azeite puro e limpo pode ser queimado diante de Deus?

Com o azeite faz-se a unção das cerimónias maiores do culto, perfumando-o com mirra e cinamomo.

Com ele se sagram os réis

e os sacerdotes, se baptizam os recém-nascidos e se dá a extrema unção aos moribundos.

E contudo, todas estas glórias não me fazem orgulhosa, nem às minhas irmãs.

As nossas folhas têm um verde humilde, triste, e o nosso fruto não tem o tom alegre e brilhante e o perfume capitoso e o sabor agradável dos outros frutos de Portugal: Mas nenhum como o nosso enche de alegrias os casais, nenhum como o nosso é saúde e luz!

Alentejo, Janeiro de 1938.

José Manuel da Costa

“A IMPERIAL,”

lutando com dificuldade para poder receber certas marcas de produtos de beleza estrangeiros, consegue finalmente o BATON

ROUGE BAISER

satisfazendo assim, os inúmeros pedidos das suas Ex.^{mas} Clientes.

Distinção em modelos de calçado, só na

Sapatania Lusa

R. Santo António — Guimarães.

Nas Caldas das Taipas

Trespassa-se ESTABELECIMENTO de Fazendas e Miudezas

Para ver: Na Rua Reitor Antunes Machado — TAIPAS. Para tratar: Rua de Santo António, 48 a 64 — Guimarães.

Uma Páscoa no longo...

A meu pedido, sou colocado na 6.ª Companhia Indígena de Infantaria de Luanda, no Distrito Militar da Lunda, na misteriosa e enigmática Lunda, donde a maioria fugia com pavor e receio!

E, tais receios e pavores, não eram infundados. Nas densas matas da Lunda, tão misteriosas e impenetráveis como Sphynxes, passavam-se cenas de um canibalismo atroz!

Continuamente desapareciam escoitas de soldados brancos e negros, que tinham de as atravessar. E, só mais tarde, se encontravam os seus corpos, horrorosamente mutilados, aos quais faltavam as cabeças, os membros... e não raro, as próprias entranhas. Há poucos meses, o Alferes Santos e treze soldados do seu comando, tinham sido bárbaramente massacrados, pelo gentio do soba Quimbulo-quiá-Quiloange, com um requinte de tão grande malvadez, que causou arrepios nos mais empederados corações.

E, mais para o Norte, para os lados de Quitapa, a tribu antropófaga do «Quiôco» devorava as carnes ainda vivas, daqueles que tinham a desventura de se deixarem capturar...

Depois de prenderem as suas vítimas e amarrá-las solidamente, aqueles selvagens, ao som de furioso batuque, iam arrancando os olhos, o nariz, a língua, as orelhas... pedaços de carne fumegante, que assavam no espeto e comiam acto contínuo... E, só, quando o último alento de vida, abandonava o martirizado corpo, é que o desamarravam, e depois de sugarem o sangue, o cortavam aos pedaços, e os cosiam em grandes panelas de barro, para banquetear

da repugnante gentilha, ávida dos despojos humanos dos seus inimigos!

—//—

Recebida a guia para o Distrito Militar da Lunda, embarquei em Luanda no comboio até Malange — capital daquele distrito, nessa recuada época — e uma vez feita a



minha apresentação na Secretaria Militar, fui mandado para o Posto Militar de Cabatuquila.

Depois de quatro dias de penosíssima marcha, através de densíssimas matas e alcantiladas montanhas, sob a acção de um Sol ardentíssimo, abrasado pela sede, o fardamento sujo e roto, colado ao corpo pelo suor e pela poeira, cheguei a Cabatuquila.

Comandava o posto o sargento Nery, homem alto e espadado, olhar de aço, a barba negra até à cinta. Era um valente, mas a sua valentia, tocava as raízes da desumanidade. A sua voz aflautada soava falso... (Este sargento foi mais tarde assassinado, para lhe roubar o copioso pecúlio, que em

terras de Africa, à custa de um trabalho insano, tinha amontoado, e quando se encontrava de licença, nas Caldas da Rainha).

Feita a minha apresentação, deu-me uma cubata no acampamento indígena. Como graduado europeu, pertencia-me alojamento dentro da Fortaleza. Mas, não me dei ao trabalho de reclamar. Percebi, de princípio, que ele, não vira com bons olhos, a ida, de um camarada de igual gradação, para o Posto que comandava.

Como era valente, e, me viu tão novo — só em Novembro desse ano completarei 20 anos — quis experimentar-me e, na primeira sublevação do gentio, convidou-me a acompanhá-lo para castigar os sublevados. Cumpri naturalmente o meu dever, e, desse dia em diante as nossas relações foram quasi cordiais.

Contudo, tal situação, não era de molde a seduzir-me, e, tendo ficado vago o cargo de Secretário da Capitania Mor do Bongo e Bângala, aceitei a oferta que me foi feita, daquela lugar.

Meses depois, fui para o Posto Militar do Lui, e dali, para o Longo, sede da 7.ª Companhia Indígena de Infantaria. Era seu comandante, o capitão do Quadro Ocidental Augusto Vieira de Sá Nogueira, oficial distintíssimo, cujo peito se encontrava esmaltado de honrosas condecorações que atestavam os serviços prestados à Pátria. A ele se devia a pacificação das aguerrias regiões de Nana-Candundo, Anguélia e Ambuélas. Com ele, viviam ali, a esposa e duas irmãs. Fui por todos recebido com as maiores atenções e tratado, quase, como

(Continua na 7.ª pág.)

CADA VEZ MELHOR...

É o lema da CAMISA



AOS INDUSTRIAIS

Vendem-se Correias de 150 m/m em bom estado de conservação com 30 e 50 % menos do preço da tabela.

RUA DE FERNANDESTOMAZ, 863 — PORTO

O Minho no Equador

(Página esquecida
de um
«Diário de Viagem»)

ORFÃO!

Leva-nos um «Dodge» pequeno mas seguro e pontual que vai galgando as estradas das roças, mais de vinte quilómetros através de uma vasta e densa floresta de cacoeiros, cafezeiros e bananeiras que nela vivem, proliferam, se multiplicam e esgastam dominando a ilha em todos os sentidos, como senhores únicos e absolutos que ninguém obterá já fazer deslocar ou substituir, tão certo é que a terra humosa, exuberante e ardente selhes entregou, inteira e voluptuosa, na riqueza dos seus flancos que se sentem, amorosos, latejar.

Assim chegamos a mil metros de altitude e tão distantes da cidade que nos supomos já, que só a flora se opõe à sensação de frescura penetrante que há nas alturas, ouvindo gorgulhar e escachoar a água que nas cascatas despenha, pródiga e profusa, a joalheria fantástica e invisível de todos os líquidos cristais.

Entramos em «S. Nicolau» às nove e meia, com uma temperatura do manhã de Primavera. A paisagem em redor não tem o ar da vida selvagem e forte que, há pouco, quase nos esmagava. A flora é a mesma lá de baixo mas não andam à flor da terra a humidade e o cheiro

forte e acre das fermentações. Dir-se-ia que o ar lavado e puro, lá do alto, exerce sobre a constituição geológica do solo uma influência purificadora de resgate.

E essa impressão acentua-se com a marcha cada vez mais apressada do automóvel que vai percorrendo a estrada para as instalações das roças.

Pouco antes de lá chegarmos topamos, maravilhados, com uma cascata em que um rico manancial de água se lança cascalhante, de algumas dezenas de metros para o vale e após prossegue, sob uma ponte pequena, no ritmo adormecente de ribeira, depois de, inquieta, gorgolejar nos acidentados do leito mal cavado.

E enfim, numa volta, o carro

Não disforme os pés dos seus Filhos!

A Sapataria Luso garante-lhe a comodidade precisa.

É SEMPRE OPORTUNA a compra duma toalha de linho bordada.

Tem V. Ex.^a na **CASA EVA** o bordado a seu gosto.

estaca em face da instalação principal da «fazenda». E dela o que mais me alegra é o parquezinho acolhedor em que a água canta em repuxos no meio de canteiros, floridos de rosas, de camélias brancas como o jaspe que o calor lá debaixo não cresta e de violetas — as modestas violetas que aqui têm ao enflorarem-me a botoeira um perfume tão vivo de lembrança que bem poderiam passar a chamar-se «saudades».

Sobre ela, no ar calmo e fresco traçam as pombas as curvas graciosas do seu vôo que sugere um ambiente sossegado de casas senhoriais ou ensombreados recantos dum exílio monástico.

Nem faltam lá as dadas árvores de fruto das cercas dos conventos ou das hortas e pomares dentre Douro e Minho, para que a sugestão seja completa. E sê-lo-ia de todo, se uma verdadeira turba de moles, vivos e folgasões, não surgisse no terreiro a toldar aquela

paz e a lembrar-me que não estava numa quinta de Basto e que, em vez de carvalhos, choupos ou castanheiros, o que povoava os altos que nos circundam são plantas tropicais.

Só então reparo que, em frente da casa, a cuja varanda subo para olhar S. Tomé, lá em baixo, até à baía onde demoram as pequenas manchas dos navios, num enorme declive todo vestido de verde sombrio da floresta imensa, há um hospital sem doentes e uma sanzala sem pretos.

Nuno Simões

O FOLAR DO EXPEDICIONÁRIO

Relação dos objectos entregues na Delegação Provincial a fim de serem enviados para o Folar do Expedicionário, no valor de 7.620\$.

3 peças de riscado, 1 cobertor de algodão, uma colcha de algodão, 23 pares de meias, 7 camisolas de homem, 1 caneca de vidro, 1 carteira de pelica, com 1 pente, 23 sabonetes, 8 latas de sardinha de conserva, 2 caixas de papel de carta, 18 carteiros de papel de carta, 84 canivetes, 1 pacote de chá, 22 livros de mortilhas, 29 caixas de fósforos, 2 espelhos, 72 tesouras, 19 facas inoxidáveis, 1 colher inoxidável, 12 garfos inoxidáveis, 146 garfos e facas de talher, 846 pentes, 119 maços de cigarros, 120 toalhas de rosto, 280 lenços de bolso, 1 toalha de mesa com 8 guardanapos.

Estes objectos foram entregues pessoalmente pelo Sub-Delegado Regional sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Sim, minha mãe! não me esqueço,
Quando, a sonhar, adormeço
Na curva do seio teu,
De quando, um dia, velhinha,
Eu te dizia: — Mãesinha!
Dize-me lá, quem sou eu?!

Então, à longa distância
Dos dias da minha infância,
Vejo surgires a meu lado!
E tudo parece um sonho
Que, entre soluços componho,
Entre lágrimas banhado!

O teu olhar — lamparina
Que sobre mim se reclina,
Numa suave carícia,
É como um doce lampejo
A dar-me o último beijo,
Última e casta delícia!

À-roda de mim, agora,
Dir-se-ia que tudo chora
O tempo que já lá vai!
Enquanto sem esperança,
Me julgo, outra vez, criança,
Que ficou sem Pai, nem Mãe!

Sim, minha Mãe! eu só peço
Quando, a sonhar, adormeço
Na curva do seio teu,
Que um dia, assim, já velhinha,
Nos encontremos, Mãesinha,
Juntinhos os dois no Céu!...

Jerónimo de Almeida

Natael Simão merecia bem o cognome de «Judas» e era até mais conhecido por essa alcunha do que pelo próprio nome baptisml. De idade indefinível tanto podia ter quarenta como sessenta anos; cabelo e barba abundantes que há muito tinham deixado de frequentar a ópera de Figaro, em virtude da subida de preços; rosto magro e comprido; nariz análogo a um alfange cujos copos eram umas lunetas gastas, constantemente embaciadas, por traz das quais se escondiam uns olhotos de rato que revelavam a distância o íntimo do dono; de estatura mediana, era seco de carnes e tinha o dorso arqueado o que lhe dava o aspecto de quem transporta um fardo às costas; e finalmente, para terminar a descrição desta *avis rara*, as mãos — segundo alguns psicólogos, as mãos são das diversas partes do corpo, as que melhor deixam entrever o carácter da pessoa — eram compridas e esguias, de pele ressequida que deixava salientes os finos e retorcidos nervos, cordelinhos que faziam mover num *tic* especial os afilados dedos quais aduncas garras duma ave de rapina. A completar este conjunto que tinha muito de *rabino* e mais ainda de agiota, o Natael Simão vestia-se elegantemente *tout à Palestine*. Do fato só eram visíveis umas nesgasitas das calças muito justas, pois, quer de verão quer de inverno, o Natael usava um comprido e surrado sobretudo sem talhe, parente muito próximo da labita. Como vêem leitores, o Natael era digno, pelo menos fisicamente, da alcunha de «Judas».

Vivia numa casa rústica com a família composta de: a respeitabilíssima esposa, dois sossegados filhos, catraios de oito e dez anos respectivamente, e... — imaginem quem! — da mãe da sua cara metade, ou seja da *pacífica* sogra!! Reinava entre todos a mais perfeita harmonia, o que é compreensível, uma vez que quem empunhava a batuta de *maestro* era a mestra da sogra. Mas enfim, isto é já um *açúcar* crónico desde que o mundo é mundo. Portanto para não *adoçarmos* muito as linhas supras, passamos adiante.

A profissão de Natael era destas que ainda estão por definir. Ganhava o pão nosso de cada dia, como soe dizer-se, por *ex-pediente*. E era também expedientemente que aumentava o expediente conteúdo dum certo saquitol do qual só ele tinha conhecimento.

— As minhas queridas *economias* (antes, *sovinices*!) — dizia ele mentalmente, quando contava e recontava aquelas centenas de escudos em moedas miúdas, sagrado rito que cumpria sempre que a amantíssima sogra a dilecta esposa e os catraios estivessem para além da *cortina de ferro*, isto é, em sítio que o não pudessem observar. E Natael, vulgo «Judas», era assim feliz, duma felicidade que ele repartia (excepção única) com o sacco. Seria mais feliz ainda se a sua esposa, atingida em tempos por uma grave doença, não fosse agora estéril. Aquele *abono de família* que poderia ter recebido e que se fora para outros rumos, era o único espinhozinho que lhe feria o coração. Sim, era o único porque a sogra não o feria em órgão tão delicado; quando muito contentava-se em amachucar-lhe as costelas e era o bastante.

A vida, pois, para Natael, afora estes incidentes que *agradavelmente* quebravam a monótona rotina do dia a dia, ia correndo o melhor possível.

Passou-se assim, o Natal... o Ano Novo... os Reis... o Carnaval (entre parêntesis: o Natael mascarado de *Santo Antoninho* e a sogra em traje de *Joana do Arco*, aquela *Santa*, única excepção de que há memória, que gostou do genro a valer, alcançaram os primeiros prémios nas categorias respectivas...) e chegou-se à Quaresma. Esta também depressa atingiu o término — a Semana Santa. Desta, aqui, vamos transcrever umas notas (nota: não são as do sacco; não confundir) que nos vieram fortuitamente às mãos, coligidas por um ignoto coleccionador das ditas falsas.

QUARTA-FEIRA DE TREVAS — ...Hoje, tudo negro desde o Mercado até ao rosto (e a alma?) do meu amigo Natael, mais conhe-

cido por «Judas». Carícias de sobra da sogra, segundo me disse. Mas... ninguém tem nada com isso.

Na *escuridão* em que estamos é impossível descortinar *algo* que nos conforte e moralizé. A alma neste dia *confrange-se* nos amarguradamente. A *guerra fria* entre os principais *elementos* da Natureza, deve ser a causadora deste estado geral de alma.

O SACCO DE JUDAS

NOTAS DE CONTO...

Por HERALVIR

O *panorama* de tintas rubras que ontem descortinei e que me impressionou desagradavelmente, está hoje a *tingir-se* igualmente de negro...

Negro, tudo negro!

FIAT LUX!

N. do A. — Luz far-se-á com a *bomba de hidrogénio*.

QUINTA-FEIRA SANTA — A tardinha encontrei o amigo N. Simão. Achei-o muito abatido.

— Vamos daí, beber uma pinga, amigo Simão? Hoje sou eu que pago (aliás é o que sempre acontece). Ele acedeu, e lá o levei quase de rastos, à procura duma taberna, hoje em dia tão raras, para afogarmos as nossas máguas em grandes tigelas do bom *verde*.

No fim e ao cabo de muito *prôcurar*, sempre consegui descobrir uma. Enquanto o taberneiro nos enchia as *tigelinhas*, fiz o meu amigo abrir-se em confidências...

...Tinha razão de sobejo, o meu amigo «Judas», para estar tão contristado. Além da costumada *dose sogrina*, sucederam-lhe outros precalços mais que suficientes para arrazarem o moral de dois *Nataeis Simões*.

Imaginem, a esposa que de manhã cedo fora comprar batatas (felizmente que batatinhas não faltam!) não conseguira encontrar daquelas que mais existem no mercado, ou sejam, as batatas *up-to-date*, e, além disso, só chegara a casa à hora em que o almoço já devia estar pronto e... comido! Resultado: barafunda tremenda em que o meu pobre amigo *levou* pela *medida grossa*, tendo ainda por cima de levar a família a almoçar numa pensão. As economias pagaram...

Após o almoço, Natael fora assistir a um desafio de futebol (desafio de responsabilidade... ilimitada, segundo dizia o cartaz) para desanuviar o espírito. É claro que ele não pagava o bilhete. Para isso nada mais fazia do que chegar alguns minutos depois do intervalo...

Entusiasmou-se a ponto tal que, terminado o encontro, tendo o árbitro dado muito injustamente a vitória ao grupo visitante, se apossou dele uma fúria sem limites (consequência de conviver com a sogra...) que o levou a cometer um acto meritório, sob diversos pontos de vista: desancar no *desavergonhado* árbitro (um exemplo

a seguir!). O pior foi a Polícia! Conduzido, o meu amigo, à Esquadra teve de pagar a fiança duns tresentos e tal escudos, sem contar mais uns *pózinhos* para os curativos feitos aos ferimentos (perdas e danos) do referido árbitro, que feitas as contas ainda teve a seu favor, um *saldo positivo*... É claro, o sacco do «Judas» é que aguentou com as despesas...

A diminuição do sacco, mais do que outro motivo qualquer, é que aumentava a tristeza do meu bom amigo Natael. Foi o que ele me confessou.

...Quando deixamos a taberna, era já, noite cerrada...

SEXTA-FEIRA SANTA — Decididamente, o meu amigo Natael, o «Judas», anda com *galinha*. Logo de manhã, um dos seus catraios foi mordido por um desses muitos cães vadios que por aí andam à solta, sem eira nem beira. Ainda o pior é que o cão *ferrador* apresentava indícios de hidrofobia. O pobre Natael ficou num tremendo estado de desespero; o cão com a *ferradela* fizera-lhe desaparecer o resto do conteúdo precioso do preciosíssimo sacco, pois obrigara-o a levar o filho ao mais próximo posto de tratamento anti-rábico que ainda distava uns cem quilómetros desta localidade.

«Pobre amigo, esse resto das tuas economias, evoluiu-se nos dentes dum cão raivoso! Faço ideia, como tu a estas horas te deves sentir bem *hidrófobo*!».

Se eu tivesse coragem, escreveria à sogra dele para o tratar melhor pois isto, agora, acaba com ele de vez. Mas... ela é uma autêntica fera (é capaz de tudo... excepto enterrar os filhos em vida!) Carta anónima não lhe escrevo porque, muito embora seja um *vilão* e um *pulha*, ainda tenho uns restos de sentimentos que me inibem de fazer tal coisa.

Vou ver se encontro outra solução...

SABADO DE ALELUIA — Espantoso! Incrível!! Inconcebível!!! O meu amigo Natael, ontem quando levou o filho ao Posto Anti-rábico, aproveitou a ocasião e vendeu por trinta *quilos*, ao I. M. Legal, a sogra, para estudos *figadais, post-mortem*!

A que ponto ele chegou para assim proceder! E no entanto não teve o prazer de gozar o dinheiro, pois o deitou ao vento. O terror que a sogra lhe infundia era tal que Natael desapareceu porque depois *dessa proeza* não tinha ânimo para aparecer em casa!

A esposa do meu amigo, mal soube que os trinta *quilinhos* tinham voado, enlouqueceu. A mãe, antes, a sogra do Natael, não querendo deixar de praticar os *exercícios físicos*, a que estava habituada com o genro, já pensa em substituir o *fugitivo* pela filha, esposa deste, para perfeita conservação e elasticidade dos músculos...

Lastimo a desgraçada e oxalá que ao menos não seja tratada como por esse mundo fora costumam a tratar os infelizes *doentes mentais*...

Num sítio ermo, um vulto pendurado na única árvore, uma figueira brava, que em redor se via, balouçava docemente impellido pela brisa vespertina. Era o que restava do «Judas».

A corda que lhe enlaçava o pescoço fora feita com tiras de qualquer peça de roupa. É natural até, que o sacco em que o Natael depositara as economias, servisse para esse fim. Ele que alimentara a ambição do «Judas» neste mundo, deveria também servir *alimento* ao passe para o outro.

Na figueira, aonde o que fora Natael se balouçava numa dança macabra, alguém piedoso, pregara um grande letreiro com os seguintes dizeres:

AQUI JAZ.

Guimarães, Páscoa de 1950.

da Cidade

O Sarau beneficente

a favor das Conferências de S. Vicente de Paulo

Devendo realizar-se nesta cidade e no magnifico Teatro Jordão, possivelmente no dia 22, o Sarau beneficente a que já nos temos referido e cuja organização foi confiada à Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Tamegão, pareceu-nos oportuno colher, junto da mesma



inteligente professora, algumas informações acerca da festa cujo êxito se encontra já assegurado.

A ideia da organização da Festa de Caridade partiu, segundo a informação da Sr.^a D. Margarida Tamegão, da Sr.^a D. Constança de Freitas.

— Foi essa Senhora que me convidou para eu organizar, ensaiar e levar a efeito, a festa a favor das Conferências de S. Vicente de Paulo, de S. Paio.

No que respeita à organização do Sarau, a Senhora D. Margarida acrescenta:

— Tenho encontrado as melhores boas vontades em todas as pessoas que de perto comigo tem tratado da Festa. Assim consegui ensaiar sete números, todos da minha autoria, organizar o guarda-roupa e a escolha de musicas, etc. No programa entram sessenta meninas, qual delas, desde os dois anos e meio, com melhor boa vontade e entusiasmo.

Quando lhe perguntamos

se a colaboração prestada por essas meninas a satisfaz, disse-nos:

— É de notar que eram meninas desconhecidas para mim e que com duas vezes só por semana, numa escassa hora, tem feito progressos, nos ensaios que têm tido, e isso certamente pela boa vontade de acertarem.

— Convidei um grupinho de alunas de Braga, oito meninas dos quatro aos dez anos, para cooperarem na festa. São das melhores famílias de lá e muito necessárias para os seus quatro números serem intercalados nos de cá, para não haver demoras, sempre desagradáveis, nas mudanças de toilettes duns números para os outros.

Foram muito gentis em aceitarem o meu convite. Por isso estou muito satisfeita, pois com tão boas vontades de todos os lados, espero que a festa resulte em bem e compensadora para o fim em vista, como espero igualmente que as meninas de Guimarães tomem gosto por estas lindas demonstrações, que só lhes podem dar beleza, graciosidade e saúde.

Ao dar assim por concluída a conversa que lhe havíamos sugerido a propósito do Sarau a favor dos pobres das Conferências de S. Vicente de Paulo, a Sr.^a D. Margarida Tamegão, sempre amável, sempre gentilíssima ofereceu-nos para o podermos dar aos nossos leitores, o programa da Festa que possivelmente se realizará no dia 22. Ei-lo:

PRIMEIRA PARTE

1.º — Verde Gaio.
2.º — Minueto.
3.º — Cebra ceira.
4.º — Danças Escocesas.
5.º — Bolas de Sabão.
6.º — Pérolas.

SEGUNDA PARTE

1.º — Capa duma illustração.
2.º — Baloços.
3.º — Cravos vermelhos.
4.º — Violinos.
5.º — Um casamento no Tirol (com a dama La Matelate de 1840).

Quando lhe perguntamos

PRIMEIRA PARTE

1.º — Verde Gaio.
2.º — Minueto.
3.º — Cebra ceira.
4.º — Danças Escocesas.
5.º — Bolas de Sabão.
6.º — Pérolas.

SEGUNDA PARTE

1.º — Capa duma illustração.
2.º — Baloços.
3.º — Cravos vermelhos.
4.º — Violinos.
5.º — Um casamento no Tirol (com a dama La Matelate de 1840).

Quando lhe perguntamos

PRIMEIRA PARTE

1.º — Verde Gaio.
2.º — Minueto.
3.º — Cebra ceira.
4.º — Danças Escocesas.
5.º — Bolas de Sabão.
6.º — Pérolas.

SEGUNDA PARTE

1.º — Capa duma illustração.
2.º — Baloços.
3.º — Cravos vermelhos.
4.º — Violinos.
5.º — Um casamento no Tirol (com a dama La Matelate de 1840).

Quando lhe perguntamos

PRIMEIRA PARTE

1.º — Verde Gaio.
2.º — Minueto.
3.º — Cebra ceira.
4.º — Danças Escocesas.
5.º — Bolas de Sabão.
6.º — Pérolas.

SEGUNDA PARTE

1.º — Capa duma illustração.
2.º — Baloços.
3.º — Cravos vermelhos.
4.º — Violinos.
5.º — Um casamento no Tirol (com a dama La Matelate de 1840).

Quando lhe perguntamos

PRIMEIRA PARTE

1.º — Verde Gaio.
2.º — Minueto.
3.º — Cebra ceira.
4.º — Danças Escocesas.
5.º — Bolas de Sabão.
6.º — Pérolas.

SEGUNDA PARTE

1.º — Capa duma illustração.
2.º — Baloços.
3.º — Cravos vermelhos.
4.º — Violinos.
5.º — Um casamento no Tirol (com a dama La Matelate de 1840).

Boletim elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 10 o nosso bom amigo e estimado proprietário em Santa Leocádia de Briteiros Sr. Manuel Ribeiro; no dia 12, o nosso bom amigo Sr. José Faria de Almeida, de Riba d'Ave; no dia 13 o nosso bom amigo Sr. António Pereira de Freitas Cosme; no dia 14 o menino Oscar Martinho, filho do nosso bom amigo Sr. António Teixeira de Sousa; no dia 15 o nosso bom amigo Sr. Joaquim de Sousa Neves; no dia 16 o também nosso bom amigo Sr. Domingos Duarte e a menina Maria Alexandrina de Magalhães Paredes, filha do nosso bom amigo Sr. José da Cunha Paredes.

«Noticias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Francisco Vilarinho, de Lisboa.

Com sua esposa partiu para a capital o nosso distinto colaborador sr. Dr. Mariano Felgueiras.

Com suas esposas encontram-se nesta cidade os srs. Dr. Alberto Pita da Costa, Juiz de Direito na Póvoa de Lanhoso e o Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Delegado do Procurador da República em Vila Verde.

Com sua esposa partiu para S. Nicolau (Cabeciras de Basto) com demora de alguns dias o nosso prezado amigo sr. Armando da Cunha Mendes.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco Correia Pinto Lisboa. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Pedido de casamento

O Sr. Manuel Augusto Tavares de Sousa, negociante em Vale de Cambra, pediu há dias em casamento para seu irmão sr. Manuel Tavares de Sousa, funcionário da Direcção de Finanças do Porto, filho do sr. Augusto Tavares de Sousa, já falecido, e da sr.^a D. Laurentina Augusta da Conceição Tavares de Sousa, a gentil vimaranense sr.^a Dr.^a Maria Manuela Ribeiro Marques de Freitas, licenciada em Farmacia, filha do nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas e de sua esposa a sr.^a D. Beatriz Ribeiro Marques de Freitas, denendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Casamento

Na paróquia de S. Pedro de Azurém consorciaram-se no passado domingo o nosso amigo Sr. Mário Ferreira Carvalho de Melo, filho do também nosso amigo Tenente Alberto Carvalho de Melo e da Sr.^a D. Arminia do Sacramento Ferreira Carvalho de Melo, e a Sr.^a D. Maria Fernanda de Lemos Eugénio, professora oficial nesta cidade, filha da Sr.^a D. Maria de Lemos Dias e do Sr. Luis Ribeiro Eugénio, já falecido.

Aos noivos desejamos as maiores prosperidades.

Beneficência do «Noticias»

Transporte . . . 815\$00

Para os nossos pobres recebemos mais:

Manuel Sampaio Leite . . . 138\$60
Basto, de Maceió . . . 50\$00
Um anónimo leitor . . . 50\$00
A. P. . . 50\$00
D. Lidia Fehindler Franco . . . 100\$00

A transportar . . . 1.153\$00

Com a importância recebida de Esc. 238\$60, contemplamos nesta quadra festiva alguns pobres muito necessitados: tuberculosos, cegos e cancerosos.

Em seu nome os nossos agradecimentos aos generosos subscritores.

Quere V. Ex.^a calçar com conforto e elegância?

Compre na

SAPATARIA OLIVA

48, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 52

Vida Católica

SOLENIIDADES DA SEMANA SANTA E PROCISSÃO DE ENDOENÇAS

Realizaram-se em diversos templos os actos da Semana Santa.

Em Quinta-feira Santa, ao principio da noite, os templos encheram-se de fieis a fazer as suas orações ao Santissimo Sacramento

A tradicional romagem foi, como sempre, emocionante, vendendo-se muita gente vestindo rigoroso luto.

Do templo da Misericórdia saiu pelas 21 horas a Procissão de Endoenças, em que tomaram parte muitos irmãos, o Seminário da Costa e alguns sacerdotes. A procissão percorreu o itinerário do costume, acompanhada sempre por grande número de fieis, em visita aos templos, nos quais foram cantadas composições apropriadas à Paixão de Cristo.

VISITA PASCAL

Em todas as freguesias da cidade e concelho efectua-se hoje com o costumeo cerimonial, a Visita Pascal.

NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

No templo dos Santos Passos, iniciaram se ontem as novenas que precedem a festividade a realizar no dia 17, na forma dos demais anos, em honra de Nossa Senhora dos Prazeres, a qual é feita a expensas da Senhora Condessa de Margaride.

No dia 17 haverá Missa Solene de manhã, e à tarde, pelas 18 horas, Vésperas, Serinão por um distinto orador, Ladainha e benção do Santissimo Sacramento.

FESTA DAS CRUZES

No dia 7 de Maio e na freguesia de Serzedelo realiza-se a antiga festa das Cruzes

Tanto a Comissão a que preside o industrial Sr. Avelino Mendes de Oliveira, como o estimado pároco Rev. Joaquim Ferreira da Silva, procuram empregar os melhores esforços no sentido de azerem revestir aquelas tradições festas do maior luzimento.

PROCISSÃO DE PASSOS

Realizou-se no domingo a magestosa Procissão de Passos que foi presenciada por muita gente durante todo o percurso.

Nela tomaram parte as Irmandades do Senhor dos Passos e da Misericórdia, o Seminário da Costa em larga representação, clero e grande número de figurado alegórico representando passagens da vida de Jesus.

As borlas dos estandartes e as lanternas, dos andores e do pálio, pegavam pessoas de representação no meio, sendo os andores do Senhor dos Passos e da Senhora da Soledade guiados respectivamente, pelos rs João M. Rodrigues Martins da Costa, Presidente da Câmara, e Comendador P.^o Augusto Borges de Sá.

Sob o pálio conduzia a Sagrada Reliquia do Santo Lenho o Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, seguindo atrás, em representação do Provedor da Irmandade, o Rev. P.^o José Carlos Simões de Almeida

Abrilhou o imponente préstito a Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, que durante o trajecto executou algumas marchas adequadas ao acto.

AGRADECIMENTO

A todas as pessoas, que de boa vontade nos ajudaram com as suas esmolas em dinheiro e gêneros, para as despesas do almoço aos presos da Cadeia, por ocasião da sua Comunhão Pascal, a Liga Independente Católica Feminina da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira agradece muito reconhecida, e deseja uma Páscoa muito alegre e feliz.

IDEAL IDEAL

Automóvel Vauxhall

Em bom estado, vende-se ou troca-se por Fourgonette.

Esta Redacção informa. 202

A Imperial, a Páscoa, e o seu 1.º Aniversário

Faz precisamente um ano que neste dia solene foi inaugurada «A Imperial» que de uma maneira muito particular agradece, aos seus estimados clientes e amigos, a dedicação que têm demonstrado em preferir esta casa «simbolo de bem vestir», e ao mesmo tempo desejar-lhes ardentemente Páscoa Feliz.

«A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 32 e 34

GUIMARÃES

Theatro Jordão

HOJE ás 15 e 21,30 h.

APRESENTA

Tyrone Power — Orson Welles em

O Favorito dos Bórgias

A mais audaciosa super-produção do ano no luxuoso cenário da Renascença Italiana!

2.ª-feira, 10 — ás 15 e 21,30

Raízes Fortes

(tecolor)

Van Heflin — Susan Hayward

Uma epopeia da guerra civil americana!

3 semanas de exhibição em Lisboa!

3.ª-feira, 11 — ás 21,30 horas

A Fera da Cidade

com

Victor Mature — Richard Conte

Um emocionante filme que nos narra um drama intenso contado com o realismo da própria vida!

No mesmo programa:

JORNAL UNIVERSAL

5.ª-feira, 13 — ás 21,30 horas

Réprisa do célebre filme

«O LAGO DOS SONHOS»

(tecolor)

Kristina Soderbaum

Você já viu o «Lago dos Sonhos»? Se viu voltará a ver, porque é um filme admirável!!!

No mesmo programa:

JORNAL FOX

Atenção senhores espectadores!!!

Como dissemos este é o mês das Super-produções!!!

E esta uma semana de maravilhas!!!

a seguir:

TENTACÃO — JUAN D'ARC — BRUTALIDADE — ENTRE O AMOR E O PECADO — FRIEDA — CANTIGA DA RUA — O CASO PARADINE

Estabelecimento devidamente montado no centro da cidade, com instalação eléctrica florescente. 137

Nesta Redacção se informa.

Falecimentos e Sufrágios

D. Mariana Soares Moreira

O seu funeral

Na pretérita segunda feira ás 11 horas e no templo da Misericórdia, realizou-se o funeral da Senhora D. Mariana Soares Moreira.

A assistência aos actos fúnebres foi numerosa e selecta, vendendo-se entre ella diversas corporações religiosas, civis e beneficentes; bastantes senhoras, médicos, advogados, sacerdotes, professores, officiaes do exército, industriaes, commerciantes, estudantes, etc.

Também assistiram o pessoal da Casa Bento dos Santos Costa & C.^a e as Mesas da V. O. T. de S. Francisco e das Irmandades dos Santos Passos e Misericórdia.

O cadáver da extinta que se achava encerrado em luxuosa urna de mogno foi, após o serviço fúnebre, trasladado em auto-funeral e seguido de muitas dezenas de automóveis, para o cemitério de Atougua, onde ficou inhumado em jazigo de familia.

A chave do caixão foi entregue ao Sr. capitão Dr. Humberto Marinho Pereira Maciel, genro da extinta.

Noticias de Guimarães, fez-se representar nos actos fúnebres pelo seu director, que também representou o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

De luto

Pelo falecimento de sua irmã ocorrido recentemente em Chaves, guarda luto o nosso prezado amigo e conceituado commerciante no Porto Sr. Francisco Alberto Costa a quem apresentamos sentidas condolências.

Experimente V. Ex.^a o autentico Pão Podre e fo-gaço, da Vila da Feira.

Pastéis de Chaves.

Pão para diabéticos, da Padaria Cunha, do Porto.

Pastéis das CLARINHAS, de Fão. 146

Todas estas especialidades recebe aos sabados a

Manteigaria Açoreana

GUIMARÃES

Acompanhando a moda

a Sapataria LUSO

adquire os últimos modelos em calçado das melhores fábricas do País.

A Sapataria Luso espera-o.

História Simples P Á S C O A Aleluia!

Aleluia!
Aleluia!

Terminava ali a linha. O eléctrico, entrando naquele largo de ar recolhido e provinciano, como que aborrecido do seu calmo aspecto, virava e sumia-se de novo na rua larga guarnecida de casas novas, quase cheirando ainda a tintas, pois que não havia muito que o progresso viera descobrir o terreiro bucólico e semi-rústico que fora como que o centro duma povoaçãozinha bastante distante dessa cidade rumorosa que resolvera, de repente, envolvê-la nos seus braços, mas onde antes raramente lhe chegavam ecos.

Agora já não era assim. Se é certo que o eléctrico não contornava o acidentado Jardim, para não acentuar talvez o seu acto de posse, no entanto os tim tins espalhavam-se e atraíam o rapazinho inquieto das poucas ruelas do minúsculo burgo.

Por enquanto o progresso ficava por ali. A não ser uma cara ou outra mais lavada dos prédios que o circundava tudo corria como dantes.

A casa do Esteves brasileiro era a que presidia, pois tinha ar de palácio entre as outras modestas e simples que se encostavam como amparando-se, ou defendendo-se, do orgulho gritante da «casa amarela» que ele queria à força que chamassem o solar do Senhor Comendador.

O terreiro precisava concerto mas até ali ninguém de tal cuidara. Tinha buracos onde, praguejando, nos dias da chuva, os cavalheiros apressados que, devido à nova linha por ali iam arranjando a custo moradia, meiam os desprevenidos pés.

O jardim era pitoresco mas destruível. Havia arbustos lindos que cresciam a seu belo prazer, árvores que não tinham sido perseguidas pelas preocupações estéticas, em conformidade com a mania de cada podador, e por isso tinha um ar de parque abandonado que atraía e encantava.

Quando chovia a água, abrindo sulcos rugosos nas ruas mal ensabreadas, deslizava à laia de rego pelo jardim abaixo e vinha formar como que um regato em volta do grosso passeio que o circundava.

Então toda a garotada da vizinhança saltava contente para o divertimento improvisado.

Eram pulos dados do alto passeio chapinando-se uns aos outros, era o bater com os pés inquietos salpicando-se todos, pois mergulhando as pernas até ao meio, lá se deixavam andar, ou ainda chapadas de água atiradas com mão certa, tudo servia para fazer galgarra e aumentar as gargalhadas do bando alacre dos patacos onde o maior não teria ainda dez anos.

Poucos eram os que vestiam regularmente. Roupas remendadas nuns, casacos que se adivinhavam não ter sido feltos para o seu corpo noutros, mas todos gorduchos e anafados, de faces coradas abrindo em riso audaz perante as brincadeiras.

De uma das sacadas da «casa amarela», muitas vezes, uns olhos atentos seguiam com interesse todos esses rudes folguedos.

Era o menino Dirceu, filho do Sr. Esteves Comendador, sete anos enfraquecidos por excessivos cuidados e pela falta de luz e de sol.

A mãe, uma sinhazinha morena, fechava os olhos para a vida no momento em que o pequenino entrava nela.

Foi então quando o Sr. Esteves resolveu liquidar o negócio e regressar a Portugal.

Comprou uma comenda e com o filho, os seus grossos haveres, um rico automóvel, um papagaio, um sagui e uma preta, que já criara a mulher, lá embarcou dizendo adeus ao Rio de Janeiro onde pelo espaço de trinta e dois anos labutara.

Devia talvez ter estimado muito a sinhazinha morena, ou recer ainda mais dar uma madrasta a Dirceu, o que é certo é que não mais pensou em casar.

nira-o logo de que não queria em casa mulher que não entendesse. Após vida intensamente laboriosa gozava agora o merecido descanso passeando no seu carro, olhando pelo filho, pelos cães, ou admirando o seu jardim e estufa, mas o filho é que lhe absorvia todos os cuidados.

Aquele homem que se criara descalço e à solta, na sua longínqua aldeia, ia privando o petiz, com a melhor das intenções, de tudo que o fizera a ele robusto e forte: o livre contacto com a natureza.

Qual avesita prisioneira que se debate contra as grades da gaiola, o rapazinho do alto da janela sonhava com a liberdade. O terreiro que tinha em frente parecia-lhe um pedaço do paraíso e a vida de essas crianças maltrapilhas e sadias, que soltavam risos sonoros e jogavam o soco com a maior à vontade, absolutamente deliciosa.

De cá debaixo, com a sua inconsciente má educação, diziam-lhe ao princípio os garotos: «ó menino, salta cá para baixo, anda brincar com a malta, nem pareces um rapaz». Mas depois habituados deixaram de lhe prestar atenção.

Foi assim que o pequeno Dirceu, carregado com a sua pouca sorte e o ridículo do seu poético nome, pode enfim admirar tranquilamente essas brincadeiras que o deslumbravam.

A professora bem clamava que aquele espectáculo era indigno de ser visto por meninos bem educados e que todos aqueles malandrins sujos e desgredados haviam de ir parar à cadeia, mas o pequeno fugindo à sua vigilância, pouco atenta, voltava ao seu posto.

A feia carranca do inverno ia-se já afastando e o sorriso doce de primavera acentuava-se mais a mais.

Tudo no jardim se toucava de flores. As próprias árvores enchiam delas os seus braços até af desolados e tristes, cingindo-as com o geito brando duma carícia.

Já não havia chuvas persistentes. Após uma forte bâtega surgia o sol com seu sorriso de ouro.

Foi assim esse domingo de Páscoa. De manhã a água caíra em abundância mas depois as nuvens negras fugiram como que envergonhadas quando o sol teimosamente procurou beijar a terra.

Veio para a rua o velho pároco com a simplicidade do seu cortejo pascal espalhando pelo minúsculo burgo a nota alegre do trajó rubro dos coreiros e da fé que reconforta. Dizia ele: «Aleluia... Aleluia... Boas Festas...» e todos os rostos se abriam num sorriso, e o chão, à porta de todas as casas, estava juncado de flores e de folhas odoríferas.

A cidade caminhava é certo, mas estava ainda bem longe de lhe incutir os seus costumes pois, por enquanto, todos expandiam livremente os sentimentos como se vivessem em plena aldeia.

No fim a criançada veio em massa para a costumada brincadeira, porém, com menos à vontade, pois envergonhavam as suas melhores roupas, mas, com certo cuidado, chapinavam ainda na água como patitos bravos.

Também de cima, conforme o costume, o menino Dirceu contemplava atento todos esses folguedos condenáveis (no dizer da professora) mas que ele lá no seu íntimo desejava ardentemente compartilhar.

Sentia-se triste, triste. Desejaria falar a todos esses pequenos, contar-lhes todos os bonitos que possuía para que se não rissem dele nem lhe chamassem «menina».

Ele não tinha bonecas mas sim brinquedos de rapaz: um triciclo, tambor, corneta, bolas, um comboio eléctrico, em suma muitas coisas lindas mas tudo estava parado, pois não lhe apetecia brincar só.

Já tossira muitas vezes, cuspir até apesar da professora lhe dizer que isso era muito feio, mas os brincalhões tão entusiasmados andavam que nem o ouviam.

Foi então que um dos do grupo exclamou: Sabeis? Tenho um fato novo que me deu a minha madrinha que é muito rica e um cartucho com um rór de amedoados. E' rapaziada, aquilo é que é coisa boa! Não há nada mais docinho nem melhor...

O Drama do Calvário, a Paixão, a agonia de Jesus começara propriamente no Jardim das Oliveiras, no horto de Gethsemani, muito perto da velha urbe de Jerusalém.

Cumpridos os preceitos rituais da lei moisaica, depois da reunião no Cenáculo, Jesus caminhara serena, calmamente com os seus fiéis apóstolos, com os seus devotados discípulos, para o Monte Olivete, para o Horto de Gethsemani.

no momento da Crucificação e da Morte!

Sofrera toda a sorte de humilhações, de injúrias, de insultos e de escárnios.

A caminho do Gólgota, ora subindo as escarpas íngremes ou invios e pedregosos caminhos, Jesus cai, cai muitas vezes, quase não aguentando o pesado e tosco madeiro.

Mas a turba impiedosa suplícia-O, flagela-O ainda mais e mais. Dos lábios imaculados de Je-

sus, na hora derradeira da crucificação, saem palavras doces, perdoadando a todos os seus algozes.

Estes, confundidos, surpresos, ante a lição sublime do Mestre, disseram: «Verdadeiramente, Ele é o Filho de Deus!»

No terceiro dia, após a crucificação, Jesus ressuscita. A ressurreição é a prova concludente, inofismável da Sua Divindade.

A Igreja, recristianizando as cerimónias rituais e litúrgicas da Páscoa, transformou-a, no dizer dum grande teólogo, na comemoração da passagem do verdadeiro Cordeiro que com o seu sangue resgatou a Humanidade.

O nosso Povo, crente e bom, comemora luzidamente a Festa, o ciclo pascal.

Repicam os sinos, à hora triunfal e gloriosa da Aleluia.

Há ainda, em muitas localidades do Minho, certas manifestações profanas, típicas usanças, como a bizarra e característica queima do Judas.

Há alegria, contentamento, nas almas e nos corações! Aleluia! Aleluia!

S. Torcato, Páscoa de 1950.

Prof. Joaquim Martins Lima

“A IMPERIAL,” apresenta o Baton Francês ROUGE BAISER

O Baton confidencial!... Grande sortido em todas as cores n.º “NA IMPERIAL,”

Quadro da «Via-Sacra», nos Santos Passos

«Assentai-vos aqui — lhes disse — que eu vou fazer oração».

Fora intensa e profunda a Sua agonia na quietude daquele horto, sentindo suores de sangue, experimentando o cálix da amargura!

Jesus sofre, porque Nele estavam conciliadas a natureza humana e divina, pela união hipostática, mas resigna-se, aceitando toda a agonia, toda a amargura, toda a dor!

Que de ensinamentos Ele nos dá nas cenas da Paixão, da agonia, nas horas do sofrimento mais atroz, na flagelação, na coroação de espinhos, que lição magistral e divinalmente sublime nos revela

Saudosas recordações (Continuação da 3.ª página)

com rendilhada toalha branca e enfeitada com mimosas flores naturais, no meio dos quais se destacavam os tradicionais ovos tingidos.

Assim, de porta em porta, era percorrida toda a freguesia e sem a mais ligeira nota discurdante perante o significado litúrgico da Visita Pascal. E eu, que também gostava de acompanhar aquele maravilhoso cortejo, ainda hoje conservo no meu espírito e no meu coração a nitida imagem desse passado e cenário deslumbrante que os meus olhos contemplavam nesse pequenino recanto do mundo, onde dei os meus primeiros passos e onde balbuciei as minhas primeiras palavras. Por isso, não é de estranhar que a festa da Páscoa me avive as saudosas recordações da minha infância, assim como me sirva de reconfortável resignação para as minhas amarguras de hoje.

Ressurreição! Aleluia! Páscoa! Três palavras que traduzem a comemoração mais edificante de um pacto que anda ligado à alma de todos os crentes e para o qual os mesmos não se poderão conservar indiferentes. E se há incrédulos que apenas vêm na Festa da Páscoa uma simples passagem do calendário por povos, eu, pelo contrário, vejo nela o desvendar dos mistérios que abriram e iluminaram o caminho da Graça e da Fé!

Páscoa 1950 M. M.

doas coloridas caíam lá do alto. Fora o menino Dirceu, alminha pura e linda, que apiedado tirava de um grande cartucho as mãozitas sempre cheias até que de todo o esgotou.

As crianças, por baixo, vitoriarão-no e, de cima, o rapazinho saltando e, batendo as palmas com as suas frágeis mãozitas, ria, ria, alegre como eles.

Nunca o menino Dirceu o «pequeno da Casa amarela» tivera em todos os seus sete anos um dia de Páscoa tão feliz.

ZITA DE PORTUGAL Páscoa, 1950

Hoje é dia de festa nas aldeias e nas cidades; mais nas aldeias do que nas cidades, pela simplicíssima razão de que os da cidade, eivados de preconceitos e dominados pelo respeito humano, não querem celebrar a grande festa, como a celebravam os seus avoentados, mais felizes e mais ricos do que eles...

Este é o grande dia do Senhor. E os curas de almas vão dar as boas festas aos seus fregueses e benzer as suas casas. Bela e tocante cerimónia que é quasi a mesma em toda a parte e que eu em tempos descrevi como ela se faz na minha terra natal.

Transcrevo fielmente:

«A Páscoa é, nas nossas aldeias, do norte, a festa mais clamorosa e simpática. No Natal há mais sentimento, na Páscoa mais exterioridade; o Natal é a festa do coração, a Páscoa é a festa da alegria que não se pode refrear dentro e forceja por expandir-se.

É o dia de Páscoa ansiosamente esperado por grandes e pequenos. As Almas, depois de assistir às dolorosas cenas da Semana Santa, em que soluçaram e gemeram com Jesus Cristo, depois de depuradas pelo banho salutar da desobriga, apresentam-se para com Ele ressurgir, iniciando uma vida nova e benfada.

Que bela estrada, polvilhada de luz e rociada de perfumes dulcíssimos, se antolha à mente do cansado mortal no alvorecer risonho daquele dia solene! Veste-se o melhor fato, põe-se colarinho e gravata. A mulher alinda-se com as suas arrecadas de ouro e com o seu avental de franjas e vivos abertos a capricho. A menina põe os seus bibes mais berrantes; o menino calça as botas novas que lhe deu de prenda o padrinho do Baptismo. E toda a santa manhá a criançada, alegre e satisfeita, alonga os olhos caminho além, no anseio de lobrigar a figura branca do sr. abade.

Quando ele chega, que amor e que festa! Por vezes estralejam os foguetes, as casas estão enfeitadas a capricho. Pelas escadas acima — calcetras — chamam cá — estendeu-se uma alfombra de lestras cheirosas e de camélias. Pelos buracos das paredes, não caídas cspetaram ramos de alecrim, mais camélias. Em cima da mesa do foliar, onde alveja a melhor toalha de rendas, ocupa o centro um prato cheio de ovos, também bordado de florzinhas azuis; no centro do prato campeia um ramo de flores artificiais, desses que o nosso povo eternizou, e que uma velha costumeira de namorados enfeita por vezes com um papel de cor que traz uma quadra amorosa, às vezes garota... E pela casa, tudo são flores, perfume inebriante, amor, alegria, doce expectativa...

E lá vem adiante o rapaz da campainha. É o primeiro do sequito. Vai à frente, tocando quase sempre, tocando furiosamente, para que todos estejam a postos. Logo a seguir corre o mordomo da Cruz, que sobe à pressa as escadas, e dá o Crucifixo a beijar a todas as pessoas da casa congregadas em círculo, e devotadamente ajoelhadas. «Ai vem o pai dos homens!»

Dizem as velhinhas ao ver assomar a Cruz; e ao beijá-la, não falta quem diga: «Ah! meu rico Senhor!». O Crucifixo nesse dia está belo e engalanado: deitaram-lhe cordões de ouro, puseram-lhe ramos de flores artificiais... Como vai lindo e amoroso!...

A seguir chega o sr. abade, o sorriso a refflorir-lhe nos lábios, a alegria a ressumbrar do semblante. E a primeira coisa que deseja à modesta família, é a paz: não essa paz enganadora que se firma nas Chancelarias e se esborba como um castelo de cartas assoprado por uma criança, mas a paz estável e doce do coração que vale mais que todos os mais preciosos tesouros deste mundo. E depois convida os seus fregueses a uma santa alegria: «É este o dia que fez o Senhor — diz ele com a Igreja; — exultemos e alegremo-nos nele. E acaba por desejar a todos Boas festas.

Depois continua-se a piedosa jornada. Nas casas de mais vulto há paragem forçada.

Deste compasso — é o nome que dão à piedosa usança — fazem parte, além do sr. abade: o rapaz da campainha, o mordomo da Cruz e outro homem leva a caldeira da água benta.

Não há, como noutras partes, nenhum homem encarregado de levantar o foliar. Quem quer leva-o a casa do sr. abade; mas a maioria desquita-se desse elemental dever de cortesia».

A isto que escrevi há perto de 30 anos, acrescentarei que o pároco desejava a todos a paz, mas em quantos lares não há nem pode haver essa paz! Pois como pode ter paz o coração que não foi contar as suas misérias e pecados aos pés de um sacerdote? Como pode ter paz quem anda arreio e fugido ao Deus da paz?

Seja como for, vamos cantar todos o nosso Aleluia!

Aleluia! É o hino atirado aos quatro ventos do céu pelo repique festivo e solene dos nossos sinos!

Aleluia! É a Páscoa de Cristo Jesus, a sua passagem da humilhação à glória o seu definitivo e perene triunfo sobre a morte, sobre o pecado, sobre todos os seus inimigos confundidos.

Aleluia! É a pedra do sepulcro removida; é o sepulcro glorioso; é a coroa resplandecente; é a Religião cristã constituída; é a salvação do mundo assegurada!

Aleluia! É a hora das ressurreições primaverais da natureza e da ressurreição das almas para a vida da graça; é o tribunal da penitência assediado; é a sagrada Mésa Eucarística cercada de multidões famintas do Pão da vida!

Aleluia! É o canto do júbilo, é o hino do triunfo, é o grito da fé, da esperança do amor, que se renova e se multiplica na santa alegria pascal!

SOUZA AZEVEDO

IDEAL IDEAL

Poemas Africanos

I --- AFRICA NOSTRA II --- NOVAS ESTRELAS

Corpo nu, nocturno, és toda minha e de mais ninguém.

Carne de anseios nunca consentidos, tu és o espelho inconfessado, de todos os sentidos.

Violada pelo sol, enfeitada pelo luar, tu és um dilema maguado de magia, onde para nós há sempre um dia em que não podemos partir, nem também ficar.

Africa onde o sol, retarda o luar.

Tão novas, tão dessemelhantes, num céu extático quasi sem nuvens, elas são toda a esperança. São a retemperança dos dias que passam sem rasto, dos dias iguais, mas diferentes.

Estrelas novas, num céu que é espelho duma imagem que não existe, elas são um novo caminho nem contente, nem triste.

Africa esplendente, o teu céu tem novas estrelas, mas persiste.

Parque de Hann — DAKAR, 23-III-1949

DAKAR, 28-II-1949

CORREIA DA COSTA

Francisco Manoel Durães & F.^{os}, L.^{da}

Fábrica de Tecidos da Gandra

FUNDADA EM 1892

Telefone, 19

Valença do Minho

A. J. da Silva Pereira, L.^{da}

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS

MINHO -- BAIRRO

Tele } gramas -- Silva Pereira
 } one -- 42

V. N. Famalicão

Para
pintar
paredes

Use Murágua

UMA TINTA QUE SE

PREPARA EM 10 MINUTOS
SECA EM 10 HORAS
E DURA 10 ANOS

A' venda nas boas drogarias

Agentes Gerais para o Império Português

Mário Costa & C.^a, L.^{da}

Rua do Almada, 30-1.º

PORTO

Telefon 7

R. Ferregal de Baixo, 31-1.º

LISBOA

Telefone, 24343

A Benamor

CONFEITARIA E PASTELARIA

Largo do Toural — Guimarães

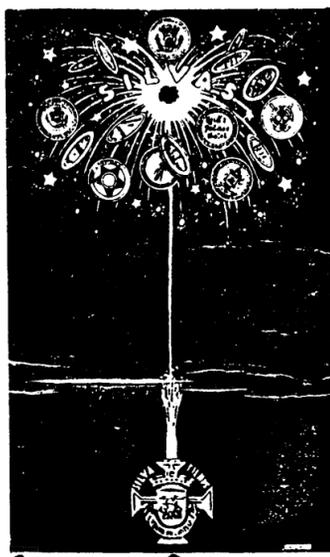
Esta casa acaba de receber um sortido completo próprio
para as Festas da Páscoa.

Amêndoas francesas e nacionais. Lindas caixas de fantasia.

Comprem o delicioso pão de ló tipo Margaride

Fabrico da nossa casa

Fabrico diário de pasteis, doce de ovos, pasteis da Penha, etc.



Fogos dos Silvas:

Os que têm mais fama
Os mais premiados
Os que tem o Mérito Industrial

São Fogos de Viana do Castelo

TELEFONE, 143
ELEGRAMAS: Silvaria

Viana do Castelo

Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe

Fiação, tecelagem, branqueação,
tinturaria e acabamentos.



Fábrica:
Lugar do Ferro
FAFE

Sede:
Av. dos Aliados, 214
PORTO

**Fábrica de Fiação e Tecidos
do Bairro, Limitada**

BAIRRO

MINHO II

Teleg. e Enc. Postais -- BAIRRO -- Telefone, 3

RIBA D'AVE

EMPRESA INDUSTRIAL SAMPEDRO, L.^{DA}

FÁBRICA DE TECIDOS DE LINHO E DE ALGODÃO

LORDELO -- GUIMARÃES

Escritório no Porto
R. dos Clérigos, 44-1.º

Fábrica
S. Martinho do Campo, 18

Telefone -- Gerência - Porto - 23441

A. Gomes, Filhos & Sá

Ouro - Prata - Jóias



Rua 5 de Outubro, 68

POVOA DE VARZIM

Anibal de Lima & Irmão, L.^{da}

Fábrica de Fiação e Tecidos de Malha

Rua João Machado

End. Teleg.: Anibalimas

Telef. 3004

COIMBRA

Baémia

Pastelaria ■ Doçaria ■ Confeitaria

Fino sortido em Doces Regionais.

Fabricao diário de Pastelaria.

Finíssimo Pão de Ló, em fornadas consecutivas.

Amêndoas e todo o sortido para a Páscoa.

Rua da Rainha, 137

GUIMARÃES

MAQUINAS DE COSTURA "OLIVA,"

Uma maravilha da Indústria Nacional

OS DISTRIBUIDORES GERAIS NO DISTRITO

A ELECTRICA, L.^{DA}
Braga e Famalicão

PNEUS MABOR

De garantia absoluta

O DISTRIBUIDOR NO DISTRITO

António Garcia Dias da Costa
Braga e Famalicão

Confiar nas análises do

"Laboratório da Casa do Campo,,...

é ter a certeza de obter dos vossos vinhos...

Qualidade ■ Preço ■ Perfeição

Sede de recolha de análises: Rua da Rainha, 121 — Guimarães

CASA DO CAMPO — Celorico de Basto

SOCIEDADE VINÍCOLA DE BASTO, L.^{DA} — Celorico de Basto

OFICINA DE FOGOS DE ARTIFÍCIO DA TORNADA
da firma

GOMES DA COSTA & FILHOS, L.^{DA}

PONTE DA BARCA

Premiados com a Medalha de Ouro no Concurso Pirotécnico de Matosinhos em 1946

Fogos aquáticos, presos e do ar. Granadas-comêta de várias cores luminosas. BOUQUETS, Balonas de projecção, foguetões artísticos, fogos de recreio para jardins, etc., etc.

JOSÉ MARIA FERNANDES

PIROTÉCNICO

Agraciado com a Medalha e Diploma do Mérito Industrial, concedido por S. Ex.^a o Snr. Presidente da República

LANHELAS -- (Minho)

FÁBRICA TEXTIL DE VIZELA, L. DA

Fiação

Fiação fina, média e grossa de 2.^a.
Fios torcidos.

Tecelagem

Tecidos de algodão de diversas qualidades.
Especialidade em cotins finos.

Telefone 48247
V I Z E L A

Pirotecnia Minhota

GRANDES FÁBRICAS DE FOGOS
DE ARTIFÍCIO

António J. Fernandes & Filhos

Lanhelas -- Minho



Fornecedores dos fogos de artifício para as principais festas do país, nomeadamente para as grandiosas festas Gualterianas -- Guimarães.

Primeiros prémios em todos os certamens a que têm concorrido.

Primeiros prémios nos grandes concursos da cidade de Guimarães em 1933 e 1936.

O Trabalho

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.

Capital 10.000.000\$00

Sede em Lisboa — Rua Aurea, 259

Tele { fone, 30.537
gramas, ABELHA

Filial no Porto — Rua José Falcão, 211

Tele { fone, 24.803
gramas, ABELHA

Seguros de Incêndio, Acidentes de Trabalho e Pessoais, Marítimo,
Transportes, Agrícola, Automóveis, Vida, Pecuário e Postal.

AGÊNCIAS NAS PRINCIPAIS LOCALIDADES DO PAÍS



A

Garantia

**GARANTE
O QUE SEGURA**

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES, 37

AGENTE EM GUIMARÃES:

João Gualdino Pereira, Sucrs.